

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
COMPLEXO SANTA AMÉLIA  
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA

**IAN KAUÊ MARQUES DA SILVA**

**BIOECONOMIA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: ESTUDOS SOBRE A  
CADEIA PRODUTIVA DO SARNAMBI NA COMUNIDADE DE TRAVOSA – SANTO  
AMARO DO MARANHÃO/ PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES**

São Luís

2023

**IAN KAUÊ MARQUES DA SILVA**

**BIOECONOMIA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: ESTUDOS SOBRE A  
CADEIA PRODUTIVA DO SARNAMBI NA COMUNIDADE DE TRAVOSA – SANTO  
AMARO DO MARANHÃO/ PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr.<sup>a</sup>. Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo

São Luís

2023

**IAN KAUÊ MARQUES DA SILVA**

**BIOECONOMIA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: ESTUDOS SOBRE A  
CADEIA PRODUTIVA DO SARNAMBI NA COMUNIDADE DE TRAVOSA – SANTO  
AMARO DO MARANHÃO/ PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr.<sup>a</sup>. Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

---

Orientadora: Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

---

Examinador: Davi Alysson da Cruz Andrade

---

Examinador: Luiz Antônio Pinheiro

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SILVA, IAN KAUÊ MARQUES DA.

BIOECONOMIA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA : ESTUDOS  
SOBRE A CADEIA PRODUTIVA DO SARNAMBI NA COMUNIDADE DE  
TRAVOSA SANTO AMARO/ PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS  
MARANHENSES / IAN KAUÊ MARQUES DA SILVA. - 2023.

107 f.

Orientador(a): Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo.

Monografia (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade  
Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Bioeconomia. 2. Cadeia Produtiva. 3. Travosa. 4.  
Turismo de Base Comunitária. I. Araújo, Mônica de Nazaré  
Ferreira de. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a minha mãe Ana Paula, a quem sou eternamente grato, por tudo que ela já fez e faz por mim sem medir esforços para me ajudar a alcançar meus objetivos, como foi o caso da elaboração deste trabalho que só aconteceu graças a ajuda dela.

Gostaria também de agradecer a minha adorada avó, dona Gonçala por ter me criado por tantos anos e feito de tudo por mim, me dado amor e carinho até os dias de hoje.

Aos meus avós maternos Maria do Carmo e Raimundo Nonato que sempre me acolheram da forma mais gentil e amorosa quando eu ia passar minhas férias em Alcântara, em especial a minha avó, que mesmo de longe sempre cuida de mim e me ampara em vários momentos.

A minha irmã Isabelle, que é o meu bebê, que eu ajudei a criar com todo amor que eu tenho, eu te agradeço por dar um novo significado na minha vida e me mostrar que eu posso amar alguém mais que eu amo a mim mesmo.

As minhas tias Alessandra, Eliane, Lindelma, Kassandra e Luciene, sou muito agradecido por todas as coisas que já fizeram por mim,

Aos meus primos Luiza, Letícia, Kaylanne, Leanderson, Rômulo, Kassandra, Dayana e outros, sou muito grato a vocês por sempre estarem na minha vida, nas brincadeiras, nas brigas, em tudo, minha vida foi mais divertida com vocês.

Aos meus amigos Rafhaela, Ricardo, Lucas, Juliana, Ana Beatriz, Welison, Bruna Letícia, Raffisa, Nycole, Juliene, Layana e meus amigos do #exilados, muito obrigado pela amizade de vocês, eu os amo demais.

Enquanto aos amigos que fiz durante a minha jornada acadêmica, eu agradeço muito vocês por me ajudarem a sobreviver nessa jornada, meus agradecimentos à: Leonardo, Lya, Clara, Helena, Danielle, Andressa, Geysiane, Beatriz, Cassiane, Valdenilde, Beatriz Fernandes, Werllem, meus amigos da UFMA Mil Grau e os outros amigos que fiz nessa vida acadêmica. Peço perdão aos que não foram nominalmente mencionados, meu eu sei quem são cada um de vocês e os amo.

Por fim, agradeço a minha orientadora Mônica Araújo por toda ajuda ao longo deste trabalho. Agradeço também a comunidade de Travosa que me recebeu e me acolheu.

*“A minha magia é nunca desistir.”*

*(Asta – Black Clover)*

## RESUMO

O Turismo de Base Comunitária é um modelo da atividade turística que vem se desenvolvendo nas últimas décadas, trazendo benefícios e desenvolvimento para as comunidades com iniciativas de TBC. Já a Bioeconomia é um modelo econômico que visa o uso sustentável dos recursos naturais, estimulando a economia circular e o uso integral dos materiais. Pensando nesses conceitos é que este trabalho foi desenvolvido com o objetivo principal de investigar a cadeia produtiva do sarnambi em Travosa – Santo Amaro/MA e relacionar como os conceitos de Bioeconomia e Turismo de Base comunitária podem inseridos na comunidade auxiliando no fortalecimento e desenvolvimento da atividade de marisqueira. E como objetivos específicos: Identificar os entraves existentes na cadeia produtiva do sarnambi com a possibilidade de aplicação da bioeconomia; indicar os riscos relacionados a atividade de marisqueira; analisar a organização das marisqueiras; e descrever através da Análise do Campo de Força as forças restritivas e indutoras da atividade. Para a elaboração da pesquisa foram feitas revisões literárias e uma pesquisa de campo realizada entre os dias 22 e 26 de maio de 2023 diretamente na comunidade, em que, foram realizadas 4 entrevistas com marisqueiras afim de identificar os entraves existentes na cadeia, os riscos relacionados a atividade, analisar a organização das marisqueiras e descrever por meio da Análise do Campo de Forças, as forças indutoras e restritivas da atividade. A realidade é que as marisqueiras passam por muitas dificuldades em sua profissão, desde as doenças adquiridas através da tiragem dos mariscos, a falta de compradores fixos para o seu produto é o principal problema relatado por elas; assim como a falta de transportes para a entrega do sarnambi em outras localidades. Em contrapartida elas tem uma forte capacidade de organização, em que, se fortalecem e ajudam umas as outras, essa capacidade organizacional, estimulada pelo TBC, pode fortalecer e desenvolver a cadeia produtiva do sarnambi, apesar de precisar de ajustem em alguns pontos, a exemplo da aplicação da bioeconomia.

**Palavras-chave:** Turismo de Base Comunitária; Bioeconomia; cadeia produtiva; Travosa.

## ABSTRACT

Community Based Tourism is a model of tourism activity that has been developing in recent decades, bringing benefits and development to communities with TBC initiatives. Bioeconomy is an economic model that aims at the sustainable use of natural resources, stimulating the circular economy and the integral use of materials. With these concepts in mind, this work was developed with the main objective of investigating the sarnambi production chain in Travosa - Santo Amaro/MA and relating how the concepts of Bioeconomy and Community Based Tourism can be inserted in the community, helping to strengthen and develop the activity. seafood. And as specific objectives: Identify existing obstacles in the sarnambi production chain with the possibility of applying bioeconomy; indicate the risks related to the seafood gathering activity; analyze the organization of seafood restaurants; and describe through Force Field Analysis the restrictive and inducing forces of the activity. For the elaboration of the research, literary revisions were made and a field research carried out between the 22nd and 26th of May 2023 directly in the community, in which 4 interviews were carried out with shellfish gatherers in order to identify the existing obstacles in the chain, the risks related the activity, analyze the organization of the shellfish gatherers and describe, through Force Field Analysis, the inducing and restricting forces of the activity. The reality is that shellfish gatherers experience many difficulties in their profession, from diseases acquired through shellfish harvesting, the lack of permanent buyers for their product is the main problem reported by them; as well as the lack of transport to deliver sarnambi to other locations. On the other hand, they have a strong organizational capacity, in which they strengthen and help each other, this organizational capacity, stimulated by the TBC, can strengthen and develop the sarnambi production chain, despite the need for adjustments in some points, such as the application of bioeconomics.

**Keywords:** Community Based Tourism; Bioeconomy; productive chain; Travosa.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama dos processos de uma cadeia produtiva.....	17
Figura 2 – Mapa com as comunidades existentes na RESEX do Delta .....	25
Figura 3 – Lista de meios de hospedagem situados no povoado Canárias.....	25
Figura 4 – Atividades de TBC na RESEX do Delta.....	26
Figura 5 – Mapa da RESEX do Pirajubaé .....	27
Figura 6 – Atividades de TBC na RESEX do Pirajubaé .....	27
Figura 7 – Restaurante “Cantinho da Felicidade” e seus colaboradores .....	28
Figura 8 – Colaboradores do restaurante “Novo Horizonte” .....	28
Figura 9 – Distribuição em “%” das Unidades de Conservação nos biomas brasileiros.....	31
Figura 10 – Vista da paisagem do PNLM .....	34
Figura 11 – Vista dos manguezais em Travosa .....	35
Figura 12 – Lagoa de banho no PNLM .....	35
Figura 13 – Mapa do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.....	36
Figura 14 – Pesquisa pública sobre o PLS 465/2018 .....	37
Figura 15 – Tramite final do PLS 465/2018.....	38
Figura 16 – Localização de Santo Amaro no mapa do Maranhão.....	41
Figura 17 – Mapa do município de Santo Amaro .....	41
Figura 18 – Localização de Travosa no mapa de Santo Amaro .....	42
Figura 19 – Unidade escolar na comunidade de Travosa.....	42
Figura 20 – Dunas do PNLM .....	43
Figura 21 – Vista da paisagem do PNLM .....	43
Figura 22 – Aline em frente à sua residência onde recebe os visitantes .....	44
Figura 23 – Frente do restaurante Toca da Guaja.....	44
Figura 24 – Vista da maré seca onde é feita a tiragem do sarnambi .....	45
Figura 25 – Pequeno gadanho .....	47
Figura 26 – Landuá.....	47
Figura 27 – O Separador de Casca Morta .....	48
Figura 28 – O Batedor .....	48
Figura 29 – Tiragem do sarnambi no mangue.....	49
Figura 30 – Sarnambi após ser retirado do mangue .....	49
Figura 31 – Sarnambi após a lavagem.....	50
Figura 32 – Processo de cozimento do sarnambi .....	50

Figura 33 – Retirada da fava da concha .....	51
Figura 34 – Fava do sarnambi após separada da concha.....	51
Figura 35 – Peixe Niquim.....	53
Figura 36 – Camarão Siriboia.....	54
Figura 37 – Inauguração da Associação das Marisqueiras de Travosa .....	58
Figura 38 – Marisqueiras associadas na inauguração da associação.....	58
Figura 39 – Fundos da associação das marisqueiras .....	60
Figura 40 – Vista para a maré dos fundos da associação .....	60
Figura 41 – Frente da associação das marisqueiras .....	61
Figura 42 – Conchas “mortas” do sarnambi .....	65

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	14
<b>2.1</b>	<b>Objetivo geral</b> .....	14
<b>2.2</b>	<b>Objetivos específicos</b> .....	14
<b>3</b>	<b>BIOECONOMIA: CONSIDERAÇÕES E ASPECTOS CONCEITUAIS</b> .....	15
<b>3.1</b>	<b>Cadeia produtiva</b> .....	17
<b>4</b>	<b>O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO BRASIL</b> .....	18
<b>4.1</b>	<b>Principais desafios para desenvolver o Turismo de Base Comunitária</b> .....	22
<b>4.2</b>	<b>O Turismo de Base Comunitária no Brasil</b> .....	23
4.2.1	Iniciativas de Turismo de Base Comunitária no Brasil .....	24
<b>5</b>	<b>UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL</b> .....	30
<b>5.1</b>	<b>Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses</b> .....	34
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	39
<b>7</b>	<b>APRESENTANDO A COMUNIDADE DE TRAVOSA</b> .....	41
<b>8</b>	<b>RESULTADOS OBTIDOS</b> .....	45
<b>8.1</b>	<b>Cadeia produtiva do sarnambi</b> .....	45
<b>8.2</b>	<b>Os entraves na atividade das marisqueiras</b> .....	52
<b>8.3</b>	<b>Organização das marisqueiras</b> .....	57
<b>8.4</b>	<b>Análise do Campo de Forças</b> .....	62
<b>8.5</b>	<b>A Cadeia Produtiva, a Bioeconomia e o Turismo de Base Comunitária</b> .....	64
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	67
<b>9.1</b>	<b>Algumas Recomendações</b> .....	68
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70
	<b>APÊNDICES</b> .....	74
	Apêndice 1 .....	74
	Apêndice 2.....	85
	Apêndice 3.....	95
	Apêndice 4.....	103

## 1 INTRODUÇÃO

O Turismo é uma atividade complexa e em constante evolução, desde a revolução industrial começou a existir viagens com motivação de lazer, para fugir da realidade dura das fábricas, mas só na metade do século XIX passou a ser uma atividade organizada, com a criação do primeiro Grand Tour idealizado por Thomas Cook. Quando o Turismo passou a ser organizado, também começaram a surgir diferentes tipos de segmentos dentro da atividade como: turismo cultural, turismo de sol e praia, turismo religioso, ecoturismo. Dentro dos segmentos passam a surgir modelos de atividades turísticas, como é o caso do Turismo de Base Comunitária (TBC).

Existem diversas definições para a atividade turística, para Organização Mundial do Turismo - OMT (2001, p.38 *apud* SANTOS, 2010, p. 12.) “[...] o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.” Assim, vários segmentos e modelos da atividade surgiram visando atender o perfil de cada turista, dos produtos e atrativos turísticos buscados pelo visitante, um desses modelos é o objeto de estudo deste trabalho, o Turismo de Base Comunitária.

O TBC consiste em criar uma rede comunitária onde a comunidade desenvolve atividades voltadas para o turismo, onde os atores principais são a comunidade e o seu estilo de vida, onde o desenvolvimento da atividade turística é realizado de forma sustentável, mantendo os costumes e a organização daquela comunidade, sem interferir diretamente no seu estilo de vida a ponto de descaracterizar a mesma. No Turismo de Base Comunitária, é definido pela própria comunidade o que será ofertado como atrativo turístico, pois todas as decisões relacionadas à atividade devem partir da comunidade, visando o melhor para os seus moradores. Segundo o Instituto Chico Mendes, ou ICMBio, (2019), o TBC se define como:

[...] um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos, promovendo a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação. (BRASIL, 2019. p.10)

Muitas comunidades estão inseridas dentro de Unidades de Conservação (UC), o que torna a implantação da atividade turística ainda mais desafiadora, pois requer de cuidados estabelecidos por lei no Brasil. As UC são importantes para a proteção e preservação de espaços naturais, elas têm o papel de regulamentar o uso dos recursos; no Brasil o sistema que rege as Unidades de Conservação foi criado através da lei nº 9.985, de 2000.

O dispositivo instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNCU), que estabelece os critérios e as normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação. Assim, define-se as UC como o:

Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob o regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. (BRASIL, 2000, não paginado)

No Brasil, existem algumas tipologias de Unidades de Conservação, sejam elas federais, estaduais ou municipais. No Maranhão, têm-se uma das Unidades de Conservação mais importantes e conhecidas do Brasil: o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM). Para entender da existência dos parques nacionais, Machado (2005, p. 62) explica que:

O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica, científica, cultural, educativa, recreativa e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, da recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

No PNLM há povoados e comunidades tradicionais que com o passar dos anos começaram a ter contato com turistas de diferentes lugares e a atividade turística passou a ser cotidiana na vida de algumas dessas comunidades de pessoas. Ainda que a atividade turística tenha crescido nesses locais, muitos povoados mantiveram o seu estilo de vida, desde sua organização social até as suas atividades econômicas, como é o caso da comunidade de Travosa, localizada no município de Santo Amaro do Maranhão — onde se destaca as atividades econômicas relacionadas à pesca e à extração de mariscos pelos moradores locais.

O presente trabalho pretende investigar justamente a cadeia produtiva do marisco conhecido como sarnambi em Travosa – Santo Amaro/MA, relacionando com os conceitos de Bioeconomia e Turismo de Base comunitária para auxiliar no fortalecimento e desenvolvimento da atividade de marisqueira e analisar como esses conceitos podem trazer desenvolvimento para a comunidade, mantendo o estilo de vida e a organização social da comunidade.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Investigar a cadeia produtiva do sarnambi em Travosa – Santo Amaro/MA e relacionar como os conceitos de Bioeconomia e Turismo de Base comunitária podem inseridos na comunidade auxiliando no fortalecimento e desenvolvimento da atividade de marisqueira.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- 1) Identificar os entraves existentes na cadeia produtiva do sarnambi com a possibilidade de aplicação da bioeconomia;
- 2) Indicar os riscos relacionados a atividade de marisqueira;
- 3) Analisar a organização das marisqueiras;
- 4) Descrever através da Análise do Campo de Força as forças restritivas e indutoras da atividade.

### 3 BIOECONOMIA: CONSIDERAÇÕES E ASPECTOS CONCEITUAIS

A Bioeconomia pode contribuir como desenvolvimento social e econômico, combate a fome de pessoas em situação de vulnerabilidade social, bem como auxiliar na preservação e combate ao desmatamento, afinal, de acordo com o Instituto Escolhas (2023, p. 10), ela envolve

[...] atividades econômicas que englobam todas as cadeias de valor da biodiversidade, orientadas pelos conhecimentos tradicionais, pela ciência e pela busca de inovações no uso de recursos biológicos e renováveis com vistas a gerar atividade econômica circular, regenerativa, sustentável, inclusiva, com benefícios coletivos e locais.

Para a Embrapa ([2020?], não paginado) a Bioeconomia é

[...] um modelo de produção industrial baseado no uso de recursos biológicos. O objetivo é oferecer soluções para a sustentabilidade dos sistemas de produção com vistas à substituição de recursos fósseis e não renováveis.

Esse, como dito, modelo de produção já movimentou o mercado mundial e gera empregos em várias partes do planeta. E a tendência é que seu crescimento ganhe mais velocidade com o passar dos anos, como diz a Organisation for Economic Co-operation and Development – OECD:

Estima-se que o uso dessas biotecnologias em 2030 contribua para 35% da produção de produtos químicos e outros produtos industriais que podem ser fabricados com biotecnologia, a 80% dos produtos farmacêuticos e produção de diagnóstico, e a aproximadamente 50% da produção agrícola.

Dados esses números, uma estimativa ‘business as usual’ é que a biotecnologia poderia contribuir com aproximadamente 2,7% do PIB da OCDE até 2030. A biotecnologia poderia responder por uma parcela ainda maior do PIB em países não pertencentes à OCDE, devido à maior importância para o PIB dos setores primário e produção industrial em comparação com os países da OCDE. (OECD, 2009, p. 13, tradução nossa).

A Bioeconomia no Brasil, atualmente, tem como aliada a agricultura, quando, através de suas estratégias biosustentáveis, é capaz de aprimorá-la em prol da produção de alimentos e insumos, buscando a preservação ambiental e biodiversidade. O Brasil é um dos principais personagens no cenário global no uso de biotecnologia, na produção de biomassas que são utilizadas em vários setores, como na criação de diversos bioprodutos, estimulando a diminuição da utilização dos recursos fósseis e não renováveis (EMBRAPA, [2020?]). Contudo a bioeconomia não está ligada somente ao desenvolvimento de novas tecnologias que auxiliam as atividades econômicas, ela também está ligada ao uso sustentável dos recursos naturais.

O objetivo da política de bioeconomia, portanto, não é simplesmente aumentar a produção agrícola ou de biomassa, mas principalmente proporcionar um uso mais sustentável dos recursos, mitigar e adaptar-se às mudanças climáticas e promover o crescimento sustentável. A bioeconomia está, portanto, intimamente ligada à agenda da economia circular, de eficiência de recursos, reutilização de recursos e padrões de consumo e produção mais sustentáveis. (EUROPEAN NETWORK FOR RURAL DEVELOPMENT, 2019, p. 5, tradução nossa).

Ela também está ligada não somente aos setores da agricultura e da pecuária, mas também está presente na produção de enzimas e insumos utilizados na produção de vacina e fármacos através do uso dos recursos naturais de forma sustentável e na elaboração de novas tecnologias, estando presente em vários setores da indústria (PORTAL DA INDUSTRIA [2020?]).

A bioeconomia entra com vantagem na complexa equação da sustentabilidade, por ser capaz de combinar de forma sinérgica recursos naturais, como a biomassa, e tecnologias avançadas, em modelo de produção de base biológica, limpa e renovável, promovendo sinergias entre as indústrias de energia, alimentos, química, materiais, dentre outras. (EMBRAPA, 2023, não paginado).

No Brasil, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação tem investido cerca de R\$ 165 milhões nos últimos anos para o desenvolvimento e pesquisa de novas tecnologias para a bioeconomia (BRASIL, 2023). Na Europa, segundo a *European Network for Rural Development* (2019, p. 02, tradução nossa) “Com um volume de negócios de € 2,3 trilhões e representando 8,2% da força de trabalho da União Europeia, a bioeconomia já está fundamental para o sucesso da economia da União Europeia”. O fato é que o Brasil é um dos países com maior potencial para ser um grande nome na bioeconomia mundial e pode chegar a faturar anualmente 284 bilhões de dólares se o país usar toda a força para o desenvolvimento pleno da atividade em solo brasileiro, auxiliando até na diminuição do efeito estufa se o país conseguir miudar a matriz energética para a biomassa (EMBRAPA, 2023).

O desenvolvimento da bioeconomia também pode auxiliar no combate à fome e na diminuição do desmatamento, conforme estudo elaborado pelo Instituto Escolhas (2023), que verificou as possibilidades e cenários da Bioeconomia nos estados no Maranhão e Pará, em que os resultados foram o desenvolvimento da horticultura e a recuperação florestal. Na horticultura desses estados os principais alimentos produzidos são: hortaliças, maxixe, milho verde, cebolinha, dentre outros (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017 *apud* INSTITUTO ESCOLHAS, 2023). Para o estado do Pará, o principal resultado como desenvolvimento da horticultura foi “O aumento da produção de hortaliças para 170 mil toneladas no Pará tem potencial de gerar R\$682 milhões de renda, criar 86 mil empregos diretos e reduzir em 6% o índice de pobreza no estado” (INSTITUTO ESCOLHAS, 2023, p. 6); já para o estado do Maranhão, o principal resultado foi “o aumento da produção de hortaliças para 187 mil toneladas no Maranhão tem potencial de gerar 600 milhões de renda, criar 134 mil empregos diretos e reduzir em 9% o índice de pobreza no estado.” (INSTITUTO ESCOLHAS, 2023, p. 6).

Quando se fala de recuperação florestal, ainda segundo o estudo supracitado diz que:

Há espaço para intenso emprego de mão de obra, desde a coleta de sementes e a produção de mudas até o plantio, a manutenção e o monitoramento da atividade.



A estruturação da cadeia de recuperação florestal é, ainda, estratégica para a regeneração e a conservação da biodiversidade, constituindo parte fundamental da contribuição brasileira para os esforços mundiais de mitigação da crise climática. (INSTITUTO ESCOLHAS, 2023, p.20).

Para o Estado do Pará os principais resultados foram: “A recuperação de 5.9 milhões de hectares de florestas no Pará tem o potencial de gerar R\$13.6 bilhões de receita, criar 1 milhão de empregos diretos e reduzir em 50% o índice de pobreza no estado” (INSTITUTO ESCOLHAS, 2023, p.5).

Já no Estado do Maranhão, os principais resultados foram “a recuperação de 1.9 milhão de hectares de florestas no Maranhão tem o potencial de gerar R\$4.6 bilhões de receita, criar 350 mil empregos diretos e reduzir em 21,5% o índice de pobreza no estado” (INSTITUTO ESCOLHAS, 2023, p.5). Portanto, o desenvolvimento da bioeconomia não beneficia somente à indústria, o agronegócio e etc., mas também está ligada ao desenvolvimento das populações, a redução da pobreza e a qualificação da mão de obra dos moradores das regiões onde a atividade está sendo desenvolvida.

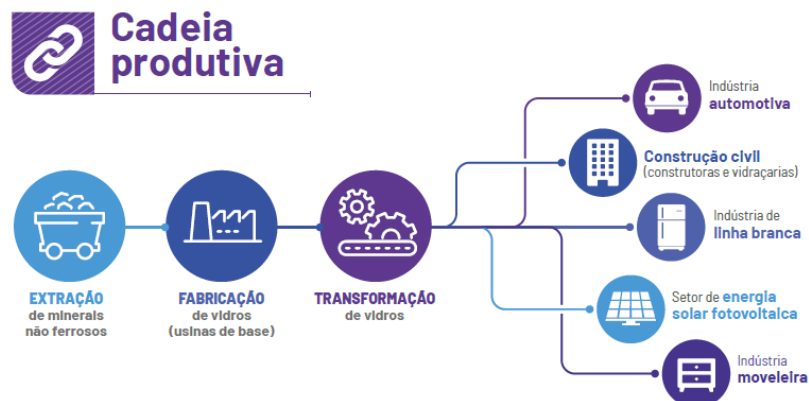
### 3.1 Cadeia produtiva

Para se entender como o processo de desenvolvimento de um produto é feito, é necessário analisar a sua Cadeia de Produção ou Cadeia Produtiva (CP), pode-se entender por:

Cadeias Produtivas são conjuntos de componentes interativos, tais como sistemas produtivos industriais ou agropecuários, compostos por fornecedores de insumos e serviços auxiliares, indústrias de processamento e transformação, sistemas de distribuição e comercialização, intermediários, além dos consumidores finais do produto e subprodutos da cadeia (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, [2009], p. 17).

Uma cadeia produtiva são uma série de etapas onde os insumos sofrem alterações até chegar em um produto final, essas etapas estão interligadas entre si, desde a extração do insumo, até o transporte do produto final. (BRADESCO, [202-?]).

**Figura 1** – Diagrama dos processos de uma cadeia produtiva



Fonte: Abravidro (2023)<sup>1</sup>.

A Cadeia Produtiva nada mais é que o processo que a matéria-prima passa para virar um produto a ser comercializado, esse mesmo insumo pode virar diversos produtos diferentes, para os mais variados fins, afim de ser comercializado para os mais variados tipos de compradores. O agronegócio é o seguimento onde mais são encontrados exemplos de CP por conta da variedade de insumos que lá são gerados (MJV, 2022).

A cadeia produtiva é um sistema formado por um conjunto de setores econômicos, que buscam estabelecer entre eles uma relação de compra e venda, os quais, articulados de forma linear no processo da cadeia, envolvendo toda a atividade de produção e comercialização de um produto, de forma que, no decorrer da cadeia, os produtos são crescentemente elaborados, obtendo agregação de valor (BATALHA, 2007 *apud* SILVA, 2018, p. 14).

Partindo dos conceitos de CP esse trabalho visa analisar toda a Cadeia Produtiva do sarnambi na comunidade de Travosa no PNLM.

#### **4 O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO BRASIL**

O desenvolvimento das comunidades através do Turismo de Base Comunitária é de grande interesse para as mesmas, pois nessa atividade o cotidiano, particularidades, estilo de vida e etc. das comunidades podem se tornar produtos turísticos, abrindo uma gama de possibilidades de criação de novos roteiros. Quando a atividade turística passa a ser organizada e desenvolvida, ela traz benefícios e desenvolvimento para as localidades onde ela está sendo desenvolvida, tanto locais de pequeno, médio e grande porte podem ser beneficiados pela atividade turística através do estímulo na economia daquele local, por isso o desenvolvimento das comunidades para a atividade turística é importante tanto para desenvolver a economia local, como também é importante para a valorização cultural e ambiental dessas comunidades. (MIELKE, 2009).

Para se desenvolver o TBC, é necessária a participação ativa e protagonista da comunidade na qual se está desenvolvendo a atividade e dos atores sociais, mas atividade é complexa, o que pode dificultar a participação da comunidade no processo pois requer uma série de elementos essenciais como os serviços e equipamentos turísticos. Como já supracitado, no Turismo de Base Comunitária o protagonismo da comunidade deve prevalecer, pois é ela quem irá trabalhar de forma ativa na atividade, são seus costumes, estilo de vida, tradições e etc. que estarão sendo vendidas como o produto turístico (MIELKE, 2009).

---

<sup>1</sup> É possível encontrar a figura acessando o seguinte sítio eletrônico: <https://abravidro.org.br/mercado/como-funciona/>.

Pode-se também compreender o Turismo de Base Comunitária ou Turismo Sustentável de Base Comunitária como:

O TSBC valoriza a conservação de recursos naturais e culturais, as tradições locais e o estilo de vida das comunidades, além de promover oportunidades de aprendizado e interações equitativas e mutuamente benéficas entre os turistas e a população local. Portanto, o TSBC não se resume apenas a uma relação comercial entre turistas e empreendimentos de turismo de um território ou localidade. Trata-se de um mecanismo integrado de desenvolvimento local sustentável por meio da atividade do turismo (FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL, 2022, p. 7).

O TBC também pode ser definido como:

O turismo de base comunitária é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais, visando à apropriação por parte dessas dos benefícios advindos da atividade turística (MTUR, 2008 *apud* SANSOLO; BURZTYN, 2009, p.145).

A implementação e desenvolvimento do Turismo de Base comunitária deve partir do princípio de melhorar a qualidade de vida das pessoas que fazem parte daquela comunidade e que não estão inseridas no sistema econômico. Em regiões onde as políticas públicas quase não chegam e uma das únicas maneiras de incremento de renda é o desenvolvimento da atividade turística, como é o caso de comunidades indígenas, quilombolas, pesqueiras e etc. onde a prática de ecoturismo e TBC são difundidas para o desenvolvimento econômico desses locais e também a preservação da natureza e da biodiversidade (MIELKE; PEGAS, 2013).

O ICMBio destaca a contribuição que a da atividade pode ter dentro das comunidades:

A atividade pode contribuir para diversificar e enriquecer os programas de uso público oferecidos aos visitantes, além de incrementar a renda e a qualidade de vida das comunidades, aproximando-as positivamente da gestão das Unidades de Conservação e aumentando o apoio local às áreas protegidas. (ICMBIO, 2019, p. 26).

Mas para prosseguir com o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, é importante conhecer os seus princípios e diretrizes para que ele seja feito de forma correta beneficiando as comunidades e o meio-ambiente. No Caderno de Experiências, de 2019, do ICMBio, são destacadas as diretrizes para o desenvolvimento do TBC, são elas:

- a) Diretrizes para garantir o protagonismo comunitário e a participação social;
- b) Diretrizes para qualificar a experiência das comunidades e dos visitantes;
- c) Diretrizes para contribuir com a gestão e os objetivos de criação das UC (BRASIL, 2019).

Para a Fundação Amazônia Sustentável (2021), o TBC se baseia em nove princípios que são:

1. **Conservação da sociobiodiversidade:** a atividade vai gerar impactos socioambientais, no meio ambiente e no estilo de vida das comunidades tradicionais e as

pessoas envolvidas, sejam os turistas, ou a própria comunidade devem tomar ações para diminuir esses impactos, para que eles não tragam prejuízos irreversíveis para o local;

2. **Geração de trabalho e renda às comunidades locais:** O TBC deve contribuir para o desenvolvimento econômico da comunidade, gerar emprego, renda e aumento do poder de compra, onde a economia circule dentro da comunidade;

3. **Sentimento de pertencimento e protagonismo comunitário:** Todas as tomadas de decisão que envolvem a prática do TBC devem ser feitas pela comunidade, onde a mesma venha a ser beneficiada; o sentimento de orgulho de pertencer aquela comunidade deve ser passado ao visitante através das vivências dentro dela;

4. **Reconhecimento e valorização da cultura local:** a história, culinária, manifestações culturais e etc. são elementos que devem ser valorizados dentro do TBC. A Manutenção e preservação do estilo de vida das comunidades só é possível através da valorização da mesma;

5. **Fortalecimento da governança comunitária:** A participação ativa da comunidade na elaboração de ações, no processo da atividade turística é fundamental para a preservação dos espaços, da biodiversidade e do estilo de vida;

6. **Repartição justa de benefícios:** A renda adquirida através da atividade deve ser destinada a quem trabalha de forma direta com ela, com os fornecedores de serviços, com quem atua indiretamente no TBC, com a comunidade e também, parte dessa desses recursos devem ser destinados ao uso em ações de preservação do ambiente;

7. **Valorização da cooperação e da solidariedade:** Os empreendimentos comunitários devem estar alinhados para manter o cooperativismo entre eles, afim de fortalecer a economia comunitária;

8. **Hospitalidade comunitária:** Deve haver uma troca de experiências entre a comunidade e o visitante, por isso é importante que o contato seja o mais próximo possível; se hospedar, se alimentar na casa de um morador é umas das práticas quem podem fortalecer essa relação;

9. **Promoção do bem-estar social:** O Turismo de Base Comunitária tem como papel principal o fortalecimento das comunidades, melhoria da qualidade de vida dos moradores portanto, o TBC deve estar envolvido na redução de vulnerabilidades sociais e na promoção do bem-estar social das comunidades onde está sendo desenvolvido (FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL, 2021).

Diferente da Fundação, o ICMBio (BRASIL, 2018), diz que o Turismo de Base Comunitária tem onze princípios. Apesar da semelhança entre grande parte desses princípios

entre as duas instituições, na classificação do ICMBio, existem três princípios a mais, esses são todos os princípios segundo o instituto:

1. **Conservação da sociobiodiversidade:** Além da importância de preservação do meio ambiente, preservar as características da comunidade, como seu estilo de vida, organização social, atividades econômicas e culturais devem ser o princípio norteador do Turismo de Base Comunitária;

2. **Valorização da história e da cultura:** A atividade deve ajudar a comunidade a reconhecer, valorizar e compartilhar a sua história, suas memórias, sua cultura, com isso é possível manter vivo os aspectos culturais da comunidade;

3. **Protagonismo comunitário:** A comunidade é quem organiza, estimula e trabalha o turismo dentro do TBC, a ela cabe todas as tomadas de decisão e ações para o funcionamento da atividade dentro do local;

4. **Equidade social:** A partilha dos benefícios oriundos do TBC deve ser feita de forma entre os envolvidos na atividade, mas também deve beneficiar a comunidade como um todo sempre que for possível, para que o desenvolvimento econômico atinja o máximo de pessoas dentro da comunidade;

5. **Bem comum:** As tomadas de decisão sempre devem se pautar no desenvolvimento da comunidade, no coletivismo e na cooperação de toda a comunidade, de forma que a vontade pessoal dos moradores não seja maior que a vontade da comunidade;

6. **Transparência:** Todas as informações relacionadas a atividade devem à disposição de todos os atores envolvidos com a prática do TBC, assim gerando uma relação de confiança entre todos;

7. **Partilha cultural:** A troca de experiências entre o visitante e a comunidade é de grande importância para o desenvolvimento da atividade. Assim é possível compartilhar a história da comunidade ajudando na preservação da mesma. A experiência de vida do visitante também pode ser importante para a comunidade se a mesma julgar que é necessário;

8. **Atividade complementar:** O Turismo de Base Comunitária deve ser uma atividade complementar, auxiliando as que já são realizadas na comunidade, afim de, como já supracitado, melhorar a qualidade de vida da comunidade e complementar a renda desta;

9. **Educação:** A prática da atividade deve trazer tanto para o visitante, quanto para a comunidade reflexões e experiências que contribuam para o aprendizado da história da comunidade, da importância da preservação ambiental e social, assim garantindo que no futuro outras pessoas também tenham essas experiências;

10. **Dinamismo cultural:** A valorização das dinâmicas culturais próprias das comunidades, problematização das mudanças que podem ocorrer através da atividade e a permanência do visitante junto à comunidade devem ser discutidos dentro dos projetos de TBC;

11. **Continuidade:** O Turismo de Base Comunitária deve ser entendido como uma atividade contínua, que deve se adaptar as mudanças das comunidades e das Unidades de conservação, assim mantendo o protagonismo comunitário e a preservação ambiental dessas regiões (BRASIL, 2018).

Seguindo esses princípios é possível compreender, implementar e desenvolver o Turismo de Base Comunitária de maneira assertiva, que traga benefícios para as comunidades e garanta a boa experiência para quem as visita.

Com base nas propostas e conceitos do Turismo de Base Comunitária, se faz necessária a discussão sobre os desafios que implementar o TBC nas comunidades.

#### **4.1 As Comunidades e o Turismo de Base Comunitária**

Para desenvolver o Turismo de Base Comunitária é necessário primeiro saber da vocação turística do local através do mapeamento dos atrativos turísticos e do consenso da comunidade em fazer parte da atividade como protagonistas do TBC junto aos atrativos da comunidade (FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL, 2021).

O protagonismo da comunidade dentro do TBC é algo que deve ser garantido, desde a manifestação de interesse em transformar sua comunidade em um produto turístico, nas tomadas de decisões, em todo processo de desenvolvimento da atividade; a comunidade pode também buscar parcerias dentro das instituições públicas, privadas e da universidade para garantir a manutenção do TBC quando já existente ou da implementação quando há o interesse por parte da mesma (BRASIL, 2019).

Os interesses da comunidade devem sempre prevalecer e para isso é importante que os atores sociais da comunidade estejam abertos ao diálogo, para que a individualidade de cada um não venha prevalecer. Lidar com as relações interpessoais é importante para garantir o sucesso da atividade, não havendo essa compreensão todos os esforços podem ser perdidos. (MIELKE, 2009).

Portanto, um dos principais desafios do Turismo de Base Comunitária é manter a comunidade como o principal agente da atividade, mesmo com a participação de outros órgãos, participações essas que devem ter sido solicitadas pela comunidade. Manter as características sociais, culturais e econômicas também é um desafio dentro do TBC, pois se a comunidade perde suas características para se alinhar a atividade turística convencional ela deixa de ser

TBC, pois são essas características que definem a comunidade e o que deve motivar o visitante a conhecer o local (FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL, 2021; BRASIL, 2019)

No desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária é importante compreender a motivação do turista em conhecer aquela comunidade:

Deve-se ter em mente que o turista está a procura de uma experiência autêntica, de mergulhar no cotidiano de um território, aprender seus costumes, tradições e modo de vida, conviver com a população local e acompanhar ou realizar atividades cotidianas. A participação em atividades de lazer, culturais e festividades também fazem parte deste processo de viver a rotina da comunidade (FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL, 2021, p. 13).

Portanto, o principal desafio para a implementação do TBC nas comunidades é manter a comunidade como protagonista da atividade, entendendo sua vocação turística e fazendo com que os desejos da comunidade sempre prevaleçam para que assim ela seja a maior beneficiada dentro do TBC.

## **4.2 O Turismo de Base Comunitária no Brasil**

Para se compreender como o TBC se desenvolveu no Brasil, primeiro deve-se verificar como ele se desenvolveu na América Latina. Originalmente chamado de Turismo Rural Comunitário - TRC (MALDONADO, 2009), as primeiras inclusões de comunidades datam dos anos 80 por diversos fatores como a pressão do mercado, com o avanço da atividade turística, as comunidades passaram a sofrer pressões para o uso dos seus patrimônios, naturais ou culturais, onde algumas ONGs encorajaram as comunidades a entrarem nesse mercado como aliados na preservação ambiental.

O TRC se deriva das necessidades econômicas das comunidades, principalmente na América Latina onde há um grande histórico de pobreza e desigualdade social, o desenvolvimento da atividade ajudaria no combate à pobreza, trazendo estabilidade econômica para as comunidades.

A vontade de superar a pobreza levou milhares de comunidades a buscar fontes alternativas de renda frente aos limitados resultados da economia de sobrevivência. Uma das opções implementadas é a dinamização das atividades não-agrícolas: a pequena agroindústria doméstica, o turismo e os eonegócios possuem um potencial ainda não explorado (MALDONADO, 2009, p. 27).

Os pequenos agricultores, pescadores e etc. das comunidades não tinham representação nos grandes mercados e buscaram outras alternativas para a sobrevivência em atividades não agrícolas para complemento de renda, o turismo desde a década de 90 foi uma dessas atividades não agrícolas adotadas, que agregou valor as atividades agrícolas. No ano de 2004 o Ministério do Turismo – MTur, apresentou as diretrizes para o desenvolvimento do Turismo Rural Brasileiro – TRB, visando o desenvolvimento regional; essas diretrizes traziam consigo

somente a visão do desenvolvimento econômico, deixando em segundo plano a preservação dos espaços naturais e características culturais. Mas em 2008 o MTur passa a reconhecer o Turismo de Base Comunitária através da publicação do edital nº 001/2008. (SANSOLO; BURZTYN, 2009).

Em 2011 quando foi realizado o “*I Seminário de Ecoturismo de Base Comunitária em Reservas Extrativistas*” para se discutir o Turismo de Base Comunitária na RESEX de Cururupu – MA, houve uma grande procura para o desenvolvimento do TBC em outras Unidades de Conservação e a partir desse seminário foram tendo avanços no que entende sobre TBC, vários projetos, políticas e publicações de materiais para o maior e melhor desenvolvimento do segmento no país. (BRASIL, 2019).

Durante o Seminário foi percebido que “Ecoturismo” e “Turismo de Base Comunitária”, apesar de até certo momento terem relação, são segmentos diferentes da atividade turística; durante o Seminário foi criado o primeiro Grupo de Trabalho (GT) para organizar as diretrizes do TBC e em 2016 o GT deu continuidade aos trabalhos no que diz respeito a organização do TBC, ou seja, a discussão sobre Turismo de Base Comunitária e sua organização no Brasil é recente, de 2011-2016 para os dias atuais. (BRASIL, 2018). Apesar de MIEKLE já falar sobre análise e organização do Turismo de Base Comunitária em 2009, ele só passou a ser discutindo e organizado em Unidades de Conservação, RESEX, APA e etc. anos depois, como citado anteriormente.

#### 4.2.1 Iniciativas de Turismo de Base Comunitária no Brasil

No Brasil, já existem várias iniciativas de Turismo de Base Comunitária em vários locais da imensidão territorial do país, a seguir alguns exemplos de iniciativas de TBC no Brasil que foram contempladas dentro do Caderno de Experiências do ICMBIO, 2019.

- RESEX Delta do Parnaíba: fica localizada no delta do rio Parnaíba na divisa dos estados do Maranhão e Piauí, as famílias que residem dentro da RESEX têm como atividade econômica principal a pesca, coleta dos mariscos e extração das frutas da região (BRASIL, 2019). A RESEX foi criada em 2000, dentro da área da APA do delta do Parnaíba, que foi criada em 1996, contemplando municípios dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará (BRASIL, 2019; BRASIL, 2021.).

Dentro da Reserva existem diversas comunidades, como o povoado de Canárias que abriga mais de 2.500 habitantes (BRASIL, 2021), outras comunidades também estão localizadas dentro da RESEX do Delta como é mostrado na imagem.



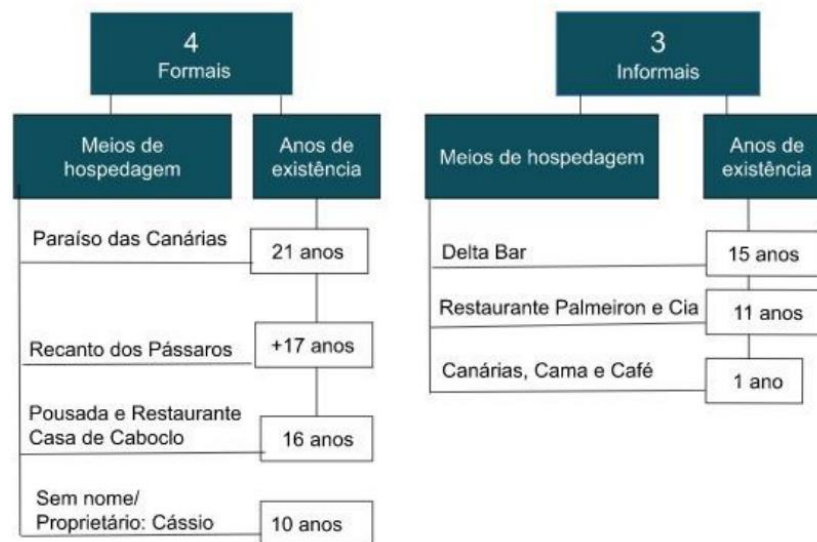
**Figura 2** – Mapa com as comunidades existentes na RESEX do Delta



Fonte: Brasil (2019).

Dentro da RESEX do Delta já são feitas iniciativas de TBC dentro das comunidades que fazem parte dela, como no povoado de Canárias, que vem se desenvolvendo ao longo dos anos, e já conta com diversos meios de hospedagem:

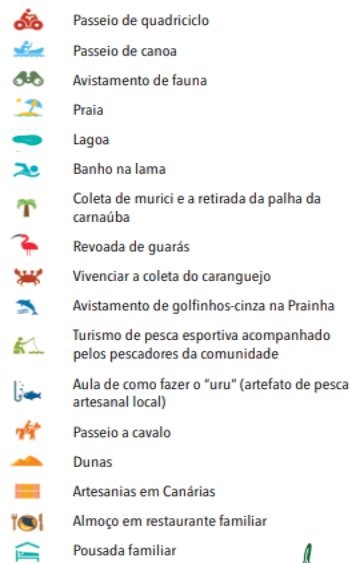
**Figura 3** – Lista de meios de hospedagem situados no povoado Canárias



Fonte: CARDOSO (2022).

Dentro da RESEX são realizadas outras atividades de TBC que oferecem ao visitante, como mostra a figura a seguir:

**Figura 4** – Atividades de TBC na RESEX do Delta



Fonte: Brasil (2019).

- RESEX Marinha do Pirajubaé: Se encontra no estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil e foi a primeira reserva extrativista do Brasil criada em maio de 1992 (BRASIL, 2019; BRASIL, 2021). Ainda segundo o ICMbio, o princípio da Reserva do Pirajubaé é:

A Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé, localizada no coração de Florianópolis, é a primeira Resex Marinha do Brasil, símbolo da resistência da sua população tradicional, em contexto urbano, pela proteção dos modos de vida, memórias e saberes dos pescadores e pescadoras artesanais, que asseguram o uso sustentável dos recursos naturais, a conservação do estuário do rio Tavares e do maior fragmento contínuo de manguezal mais ao sul do Brasil. (BRASIL, 2021, p. 17).

Bem como a sua população tradicional que é:

Composta por pescadores e pescadoras, extrativistas e desconchadeiras de berbigão, caranguejeiro(a)s e artesãos, condutores de turismo e jovens aprendizes, que utilizam habitualmente o território protegido pela Resex do Pirajubaé como condição para sua segurança alimentar, complemento de renda, manutenção do modo de vida e identidade cultural. Esta população representa a resistência pela valorização de suas memórias, saberes, sabores e fazeres, associados ao uso sustentável dos recursos naturais em um cenário de pressão urbana. (BRASIL, 2021, p. 19).

Como já citado, a RESEX fica no estado de Santa Catarina, na capital do estado como é mostrado na figura:

**Figura 5** – Mapa da RESEX do Pirajubaé



Fonte: Brasil (2019).

Já o como atividade de TBC pode ser feito na Reserva um roteiro chamado “Rota das Tipitingas” que consiste em um passeio náutico, caminhada nos manguezais e nos bancos de areia. (BRASIL, 2019). Outras atividades que podem ser feitas são:

**Figura 6** – Atividades de TBC na RESEX do Pirajubaé

### Legendas e atividades

	Passeio de barco a motor pela Baía Sul de Florianópolis
	Visita histórica à Ilha das Vinhas
	Caminhada pelo manguezal e em bancos de areia
	Degustação de comida típica
	Experiências: tarrafada, pesca de sirí e coleta de berbigão
	Trabalho simbólico de recolhimento de resíduos sólidos na Ilha das Vinhas e em praia no manguezal

Fonte: Brasil (2019).

- Betânia, Santo Amaro – Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

Betânia é um povoado que pertence ao município de Santo Amaro do Maranhão, onde várias atividades de TBC são realizadas e vários empreendimentos que foram criados para atender os visitantes do povoado e que são de gestão dos comunitários, como é o caso de dona Chagas que começou a trabalhar com o turismo no ano de 2004, quando construiu uma barraca de palha para atender os visitantes; dona Chagas também é proprietária do restaurante “Cantinho da Felicidade” que tem capacidade para 70 pessoas e possui outras estruturas como

sorveteria e redário, onde também é uma hospedagem (VIEIRA; ARAÚJO; CÂMARA; RIBEIRO, 2021)

**Figura 7** – Restaurante “Cantinho da Felicidade” e seus colaboradores



Fonte: Vieira, Araújo, Câmara (2022).

Outro empreendimento em Betânia (VIEIRA; ARAÚJO; CÂMARA; RIBEIRO, 2021) é o “Restaurante Novo Horizonte” sob responsabilidade de dona Lindalva que começou a trabalhar com turismo em 2017, assim como dona Chagas, dona Lindalva além do serviço de alimentação, oferece hospedagem no estilo “rede e café”, que consiste, como sugere o nome, numa hospedagem em que os hóspedes dormem em redes nos redários e tem café da manhã incluso.

**Figura 8** – Colaboradores do restaurante “Novo Horizonte”



Fonte: Vieira, Araújo, Câmara, Ribeiro (2022)

Como pôde ser observado existem muitas iniciativas de Turismo de Base Comunitária espalhadas pelo Brasil, estejam elas em Unidades de conservação ou não. Essas iniciativas auxiliam na geração de renda e no aumento da qualidade de vida de quem vive nessas comunidades, que é um dos papéis fundamentais do Turismo de Base Comunitária: auxiliar na geração de renda onde existem insuficiências de políticas públicas (MIELKE; PEGAS, 2013.)

## 5 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

A Lei nº 9.985/2000 que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, compreende que o SNUC tem a função de criar, implementar e gerir as unidades de conservação segundo os seus critérios (BRASIL, 2000) Ainda segundo a Lei 9.985, no seu artigo 2º os temas a serem debatidos se entendem por:

[...] II - conservação da natureza: o manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral;

III - diversidade biológica: a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies; entre espécies e de ecossistemas;

IV - recurso ambiental: a atmosfera, a águas interiores, superficiais e subterrâneas, os estuários, o mar territorial, o solo, o subsolo, os elementos da biosfera, a fauna e a flora;

V - preservação: conjunto de métodos, procedimentos e políticas que visem a proteção a longo prazo das espécies, habitats e ecossistemas, além da manutenção dos processos ecológicos, prevenindo a simplificação dos sistemas naturais;

[...] XI - uso sustentável: exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável;

XII - extrativismo: sistema de exploração baseado na coleta e extração, de modo sustentável, de recursos naturais renováveis;

[...] XVII - plano de manejo: documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas fiscais necessárias à gestão da unidade;

XVIII - zona de amortecimento: o entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade; e

XIX - corredores ecológicos: porções de ecossistemas naturais ou seminaturais, ligando unidades de conservação, que possibilitam entre elas o fluxo de genes e o movimento da biota, facilitando a dispersão de espécies e a recolonização de áreas degradadas, bem como a manutenção de populações que demandam para sua sobrevivência áreas com extensão maior do que aquela das unidades individuais. (BRASIL, 2000, não paginado).

Já no que se refere ao SNUC no seu artigo 4º, a lei nº 9.984/2000 estabelece os objetivos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação como:

I - contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos no território nacional e nas águas jurisdicionais;

II - proteger as espécies ameaçadas de extinção no âmbito regional e nacional;

III - contribuir para a preservação e a restauração da diversidade de ecossistemas naturais;

IV - promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais;

V - promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento;

- VI - proteger paisagens naturais e pouco alteradas de notável beleza cênica;
- VII - proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural;
- VIII - proteger e recuperar recursos hídricos e edáficos;
- IX - recuperar ou restaurar ecossistemas degradados;
- X - proporcionar meios e incentivos para atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental;
- XI - valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica;
- XII - favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;
- XIII - proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente. (BRASIL, 2000, não paginado).

As Unidades de conservação no Brasil são divididas entre Unidades de Proteção Integral - UPI e Unidades de Uso Sustentável segundo o artigo 7º SNUC. No seu artigo 8º, o SNUC define como Unidades de Proteção Integral as seguintes categorias de UC:

Art. 8º O grupo das Unidades de Proteção Integral é composto pelas seguintes categorias de unidades de conservação:

- I - Estação Ecológica;
- II - Reserva Biológica;
- III - Parque Nacional;
- IV - Monumento Natural;
- V - Refúgio de Vida Silvestre. (BRASIL, 2000, não paginado.)

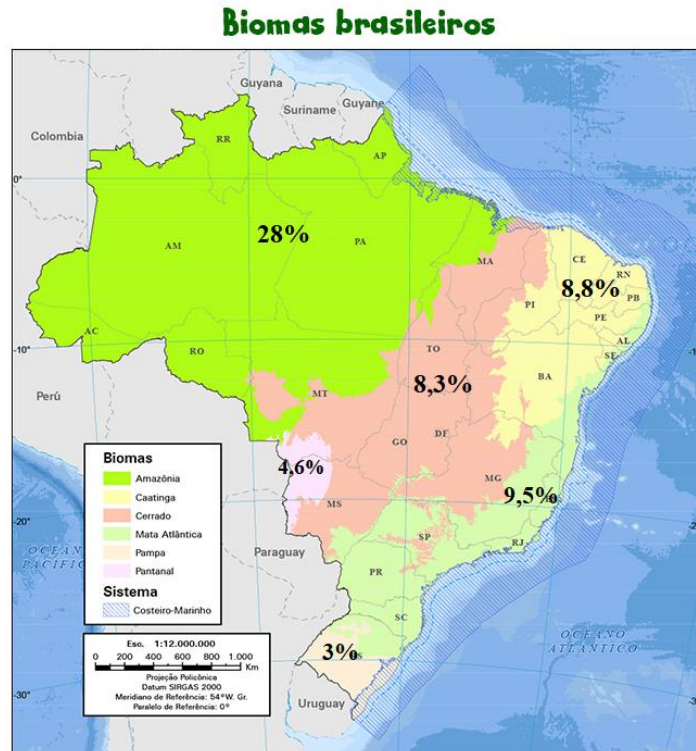
Já no seu 14º artigo define as Unidades de Uso Sustentável como

Art. 14. Constituem o Grupo das Unidades de Uso Sustentável as seguintes categorias de unidade de conservação:

- I - Área de Proteção Ambiental;
- II - Área de Relevante Interesse Ecológico;
- III - Floresta Nacional;
- IV - Reserva Extrativista;
- V - Reserva de Fauna;
- VI - Reserva de Desenvolvimento Sustentável; e
- VII - Reserva Particular do Patrimônio Natural. (BRASIL, 2000, não paginado.)

No Brasil cerca de 18% do território nacional está dentro de Unidades de Conservação, onde 6% são de Unidades de Proteção Integral e os 12% restantes são de Unidades Sustentáveis em que 5,4% são de Área de Proteção Ambiental (APA) e o restante em outras áreas de preservação (WWF, 2019). Ainda segundo a (WWF, 2019), as Unidades de Conservação no Brasil estão divididas nos biomas brasileiros da seguinte forma (Figura 9):

**Figura 9** – Distribuição em “%” das Unidades de Conservação nos biomas brasileiros



Fonte: adaptado de WWF (2019).

A primeira Unidade de Conservação a ser criada no mundo foi em 1872, nos Estados Unidos com a criação do Parque Nacional de Yellowstone; já no Brasil os primeiros Parques Nacionais foram: Parque Nacional do Itatiaia e o Parque Nacional do Iguaçu (1937 e 1939) e a criação desses Parques foi estabelecida sob o Código Florestal brasileiro de 1934. O Brasil hoje conta com um total de 2.246 Unidades de Conservação que são divididas entre as unidades federais, estaduais e municipais (BNDES, 2020).

As comunidades que vivem em áreas de preservação, as ONG's e os voluntários são grandes aliados para o desenvolvimento da administração dos espaços de preservação tendo em vista que realizam ações maiores que a do poder público para a manutenção desses lugares por terem um recurso humano maior que a do poder público, o que não exime o Estado de suas obrigações na manutenção do patrimônio natural, já que os dispositivos legais para a preservação estão sob os cuidados da administração pública (MACHADO, 2005). Por exemplo: a gestão do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC está sob responsabilidade do Instituto Chico Mendes (ICMBio) (BNDES, 2020).

Com o avanço do homem, um grande número de áreas antes definidas como habitats naturais de várias espécies foram sendo reduzidas, fragmentadas criando-se verdadeiras ilhas de sobrevivência circundadas por pressões antrópicas de todos os lados. Decorre daí a necessidade da manutenção dessas manchas naturais. (MACHADO, 2005, p. 50).



Alguns exemplos de Unidades de Conservação no Brasil são: Parque Nacional Pico da Neblina, APA Guapi-Mirin, Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, Estação Ecologia Rio Acre, Floresta Nacional de Palmares (INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE..., 2007) dentre outras. No estado do Maranhão existem algumas importantes Unidades de Conservação, como mostra os exemplos feitos pela Secretaria do Estado do Meio Ambiente e Recursos Naturais:

1. **Parque Estadual Marinho do Parcel de Manoel Lins:** foi criado pelo decreto de lei nº 11.902 de 1991 e possui uma área de 45.237 hectares. Foi o primeiro PEM criado no Brasil e é considerado uma Unidade de Proteção Integral abrigando um dos maiores bancos de corais da América do Sul;
2. **Parque Estadual do Mirador:** criado através do Decreto nº 7.641 de 1980 com o objetivo de proteger e preservar as nascentes dos rios Alpercatas e Itapecuru, de grande importância para o estado, e também a flora e fauna daquela região. Possui uma área de 766.781 hectares abrangendo os municípios de Mirador, Formosa da Serra Negra, Loreto, São Felix de Balsas, São Domingos do Azeitão, Sambaíba e Fernando Falcão. Abriga espécies típicas do bioma Cerrado como tamanduá-bandeira, tatu canastra, onças e lobo-guará;
3. **APA do Itapiracó:** A APA do Itapiracó abrange os municípios de São Luís e São José de Ribamar possuindo uma área de 433 hectares. Foi criada pelo Decreto nº 15.618 de 1997 e é uma Unidade de Uso Sustentável onde são realizadas práticas educacionais, de lazer e desporto. É uma área remanescente do bioma amazônico na região metropolitana da capital São Luís e abriga cerca de 174 espécies de animais e 33 de plantas;
4. **Parque Estadual do Bacanga:** Criado em 1980 e alterado em 1984 pela decreto nº 9.550, está totalmente dentro do bioma amazônico e costeiro, é uma das poucas áreas que restam do bioma amazônico na capital do estado devido ao grande crescimento urbano na cidade. Com cerca de 3.315 hectares, o parque se encontra em sua totalidade em São Luís e é de grande importância para a preservação dos mananciais que fazem parte do sistema de abastecimento do município, como a reserva do Batatã. Infelizmente por estar inserida dentro da região metropolitana de São Luís o PE vem sofrendo com a ocupação desordenada, extração de recursos naturais e de poluição, como a que acontece na foz do rio Bacanga (MARANHÃO, [201-?]).

O estado do Maranhão possui diversas outras UC, sejam municipais, estaduais ou federais, como é o caso da Unidade de Conservação mais famosa do estado e uma das mais

procuradas por turistas de todo o Brasil, assim como também por turistas internacionais, a UC em questão é o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

### 5.1 Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

Para se falar do Parque Nacional do Lençóis Maranhenses, deve-se primeiro entender o que é um PARNA e quais os seus objetivos. O Decreto Federal nº 84.017 de 1979, que regulamentou os Parques Nacionais, no seu segundo artigo diz que para ser considerado um Parque Nacional, a área deve atender as seguintes exigências:

- I - Possuam um ou mais ecossistemas totalmente inalterados ou parcialmente alterados pela ação do homem, nos quais as espécies vegetais e animais, os sítios geomorfológicos e os “habitats”, ofereçam interesse especial do ponto de vista científico, cultural, educativo e recreativo, ou onde existam paisagens naturais de grande valor cênico;
- II - Tenham sido objeto, por parte da União, de medidas efetivas tomadas para impedir ou eliminar as causas das alterações e para proteger efetivamente os fatores biológicos, geomorfológicos ou cênicos, que determinaram a criação do Parque Nacional;
- III - Condicionem a visitação pública a restrições específicas, mesmo para propósitos científicos, culturais, educativos, ou recreativos. (BRASIL, 1979, não paginado).

E no seu artigo primeiro trata como objetivos e destinação dos Parques Nacionais:

[...]§ 2º - Os Parques Nacionais destinam-se a fins científicos, culturais: educativos e recreativos e, criados e administrados pelo Governo Federal, constituem bens da União destinados ao uso comum do povo, cabendo às autoridades, motivadas pelas razões de sua criação, preservá-los e mantê-los intocáveis.

§ 3º - O objetivo principal dos Parques Nacionais reside na preservação dos ecossistemas naturais englobados contra quaisquer alterações que os desvirtuem. (BRASIL, 1979, não paginado)

Atendendo essas exigências é que o PNLM foi criado em 02 de julho de 1981 pelo decreto nº 86.060 e possui uma área de 156.608,16 hectares situado da região nordeste do estado do Maranhão e está situado no bioma Costeiro-Marinho com a influência de outros biomas como a Caatinga, Amazônia e o Cerrado; os principais ecossistemas do Parque são os manguezais, costa oceânica, campos de dunas e restinga (BRASIL, 2022).

**Figura 10** – Vista da paisagem do PNLM



Fonte: Autor (2023).

**Figura 11** – Vista dos manguezais em Travosa



Fonte: Autor (2023).

**Figura 12** – Lagoa de banho no PNLM



Fonte: Autor (2023).

A área do PNLM está distribuída entre os municípios de Primeira Cruz, Santo Amaro e Barreirinhas.

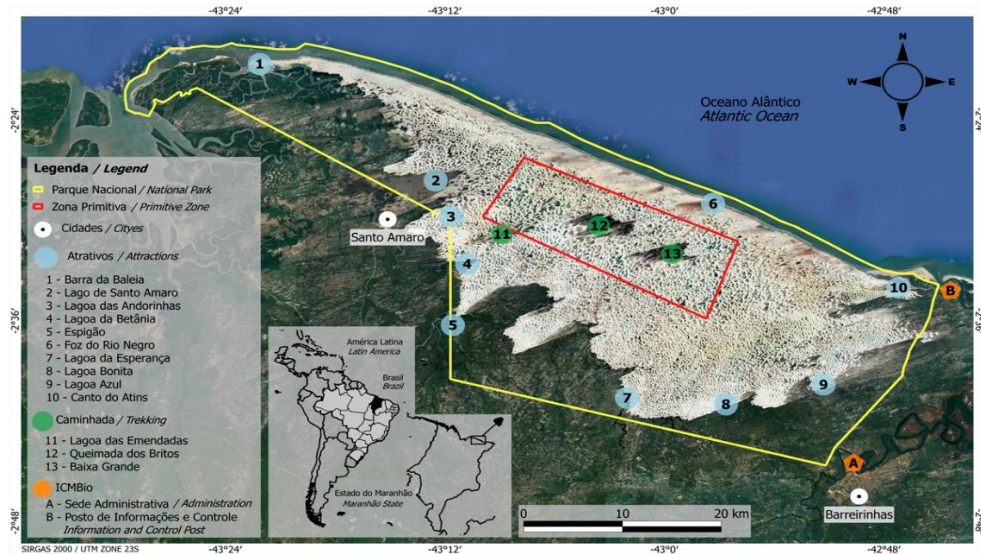
**Tabela 1** – Distribuição da área do PNLM entre os municípios do Maranhão

<b>Distribuição da área do PNLM entre os municípios</b>	
Primeira Cruz	6,89%
Santo Amaro	42,15%
Barreirinhas	44,86%

Fonte: Brasil ([199?]).

Se compreende como área do Parque

**Figura 13** – Mapa do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses



Fonte: ICMBio (2011)<sup>2</sup>.

A atividade turística (ICMBIO, 2022) é muito presente dentro no Parque, seja para conhecer as dunas com o auxílio de carros 4x4 que devem possuir autorização para operar dentro da UC e devem estar acompanhados de um guia de turismo também autorizado; a prática do *trekking*, que seria a caminhada de um ponto ao outro no parque (como é mostrado na figura 13), também é realizada no Parque, assim como o kitesurf.

Em 2019 o PNLM recebeu mais de 150 mil turistas durante todo o ano. O grande potencial do Parque como polo de atividade turística foi o que ajuizou a criação do plano de manejo em 2003 e revisado em 2021, por ter uma paisagem única ele acabou atraindo visitantes nacionais e internacionais, mas para o uso sustentável do espaço é que foi criado o plano de manejo do PNLM que têm como objetivos

Proporcionar oportunidades para o visitante desenvolver atividades controladas de visitação, lazer, educação ambiental e ecoturismo em ambientes de transição sobre dunas costeiras pretéritas e atuais;

Contribuir para o desenvolvimento local e regional atuando como polo difusor das atividades de ecoturismo (BRASIL, 2022, p.17).

Além da presença de turistas no Parque, há também a presença das comunidades tradicionais que ali já habitavam antes da criação do PLNM e essas comunidades são constantemente ameaçadas, como por exemplo no PLS 465/2018 do senador Roberto Rocha que visava retirar as comunidades de dentro do Parque alegando que:

A inclusão indevida de comunidades no Parque causou problemas graves, como a proibição da construção de equipamentos públicos sociais essenciais à população, a exemplo de escolas e unidades de saúde, e impediu a instalação de empreendimentos

<sup>2</sup> É possível ter acesso ao mapa no seguinte sítio eletrônico:

[https://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/15596/2/mapa-santo\\_amaro\\_ma.pdf](https://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/15596/2/mapa-santo_amaro_ma.pdf).

como restaurantes, pousadas e hotéis, numa região cuja vocação econômica é justamente o turismo. (BRASIL, 2018, não paginado).

O PLS sugerido pelo senador também alegava que a remoção dessas comunidades aumentaria a área do Parque:

O desenho aqui sugerido reduzirá para cerca de 660 o número de pessoas no interior da unidade de conservação e ainda ampliará a área protegida em aproximadamente 4.800 hectares, dado que tive a preocupação de compensar as áreas excluídas com outras que apresentam atributos naturais relevantes e nas quais não há ocupação humana. O Parque, que hoje tem 156.608,16 hectares, passaria a ter 161.409 hectares com o novo desenho. (BRASIL, 2018, não paginado).

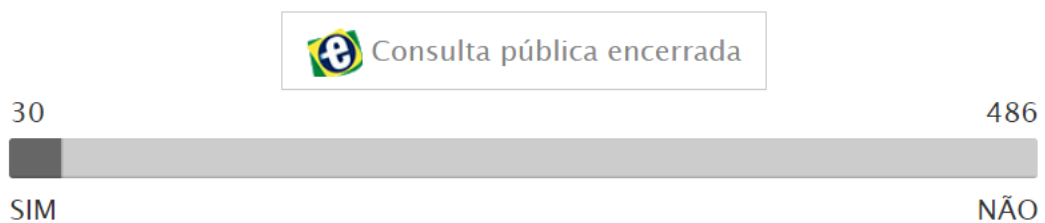
Como já anteriormente citado, MACHADO, 2005, diz que as comunidades são de grande importância para a preservação e manutenção das Unidades de Conservação, evitando o avanço de empreendimentos que mudariam a UC.

O apoio da comunidade, que reconhece a importância da proteção à área para o seu próprio desenvolvimento, é evidente quando evita pressões agrícolas, de caça, instalações industriais e comerciais, grandes infra-estruturas e uso inadequado dos recursos naturais, gerando mudanças no entendimento da administração das Unidades. (MACHADO, 2005, p. 51).

O PLS reduziria mais de 77% da população tradicional que vive dentro do PNLN (BRASIL, 2019) o que corresponde a mais de duas mil pessoas e o aumento da área do Parque compreende em sua maioria a área do oceano, mas em contrapartida 25,41% da área de Restinga seria reduzida o que poderia impactar na preservação de espécies ameaçadas.

Foi realizada uma consulta pública para a população ser consultada sobre o PLS, mais de 94% dos votos foram contra a PLS.

**Figura 14** – Pesquisa pública sobre o PLS 465/2018



Fonte: Brasil (2018)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> O PLS 465/2018 foi arquivado em 22/12/2022.

**Figura 15 – Tramite final do PLS 465/2018**

**Decisão:** Arquivada ao final da Legislatura (art. 332 do RISF)  
**Destino:** Ao arquivo  
**Último local:** 25/04/2023 – Coordenação de Arquivo  
**Último estado:** 22/12/2022 – ARQUIVADA AO FINAL DA  
LEGISLATURA

Fonte: Brasil (2018).

Algumas comunidades que existem dentro do PNLM são as de Atins, Betânia, Mangue Seco e Travosa.

## 6 METODOLOGIA

A Metodologia é uma das mais importantes partes em um trabalho, com ela se delimita o tipo de pesquisa e quais abordagens serão utilizadas. A metodologia turística se define como: “Conjunto de métodos empíricos experimentais, seus procedimentos, técnicas e táticas para ter um conhecimento científico, técnico ou prático dos fatos turísticos” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 1995, p. 245 *apud* DENCKER, 2003, p. 24).

Os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho foram: revisões bibliográficas, pesquisa qualitativa, análise de conteúdo e a análise do campo de força. Para (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021), a pesquisa científica se inicia na revisão bibliográfica permitindo ao pesquisador conhecer o fenômeno que está pesquisando e assim adquirir através da leitura e interpretação conhecimento sobre o assunto. As revisões literárias e as consultas em fontes primárias, como as revistas científicas, trabalhos acadêmicos e livros; e nas fontes secundárias como índices bibliográficos, bancos de dados e etc. essas fontes são de grande importância para a elaboração de uma pesquisa em turismo (DENCKER, 2003).

[...]a pesquisa bibliográfica apresenta-se como uma metodologia de pesquisa que subsidia teoricamente todas as demais metodologias investigativas, que exigem estudos exploratórios ou descritivos uma vez que permite uma ampla visão da problemática que permeia e conduz a investigação possibilitando também a construção literária de um quadro conceitual que envolve o objeto pesquisado (GIL, 1994 *apud* SILVA; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 96).

Segundo Rodrigues, Oliveira e Santos (2021), a pesquisa qualitativa se difere da pesquisa bibliográfica pois com os auxílios de outras ferramentas como entrevistas, pesquisas de campo, o pesquisador se aprofunda no assunto, mesmo que os resultados estejam relacionados à subjetividade do pesquisador; mas esse fato não exclui o caráter científico da pesquisa qualitativa, pois a experiência *in loco* do pesquisador lhe dá propriedade e embasamento para falar sobre o seu objeto de pesquisa.

A pesquisa qualitativa é um modelo de investigação científica que atende de forma apropriada a pesquisa em ciências sociais, pois analisa e compreende o objeto de pesquisa em sua especificidade considerando seus sujeitos e subjetividades sem deixar de considerar toda a complexidade que envolve o objeto (SILVA; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 95).

Já sobre a Análise do Campo de Forças (LINS, 1993) classifica como uma ferramenta auxiliar das Ferramentas Básicas da Qualidade que facilitam na organização do trabalho e na demonstração dos resultados, “A análise de forças de campo é uma técnica utilizada para avaliar que fatores influenciam em um problema, no sentido de modificar a sua situação atual, ou de facilitar ou dificultar a sua solução” (LINS, 1993, p. 158). Essa Análise é um método que é utilizado para destacar as Forças Indutoras, que são as que contribuem positivamente para um

projeto, ação e etc. ou as Forças Restritivas, que contribuem de forma negativa (ROZENFELD, [201?]).

A fase inicial para a elaboração deste referido trabalho foi a escolha do tema, a escolha por Bioeconomia e Turismo de Base Comunitária se deu pelo fato de serem temas que estão em grande desenvolvimento no país; a escolha da comunidade de Travosa veio porque a orientadora deste trabalho já havia realizado algumas atividades e projetos no local e isso facilitaria a pesquisa de campo e a coleta de dados. A comunidade também está inserida no PNLM, região com uma crescente visibilidade nacional e internacional e é o maior produto turístico do estado do Maranhão.

Após a escolha do tema se iniciou a pesquisa bibliográfica através de leituras de livros, artigos, monografias, cadernos e sites. Através das ideias dos autores consultados foi possível garantir o embasamento necessário para prosseguir com a pesquisa.

A fase seguinte foi a pesquisa *in loco* que foi realizada entre os dias 22 a 26 de maio de 2023 na comunidade de Travosa onde foram realizadas entrevistas com 4 marisqueiras para melhor entender como é a profissão e quais as suas principais reclamações relacionadas ao seu ofício. As entrevistas realizadas contavam com um roteiro semiaberto, onde as perguntas iam sendo realizadas com base nos relatos das marisqueiras. Elas foram informadas da finalidade da entrevista, concedendo autorização para o uso de seus nomes, voz e imagem.

O autor também, visando compreender de fato, mesmo que de forma experimental, como é o processo de tiragem do sarnambi, se dirigiu até a maré onde realizou a tiragem do marisco. Com base nos relatos e na experiência própria do autor, foi possível chegar nos resultados esperados.

Em posse destes resultados foi possível elaborar a Análise do Campo de Forças da atividade, onde foram pontuados as forças indutoras e forças restritivas que puderam ser analisadas durante a pesquisa e elaboração dos resultados.



## 7 APRESENTANDO A COMUNIDADE DE TRAVOSA

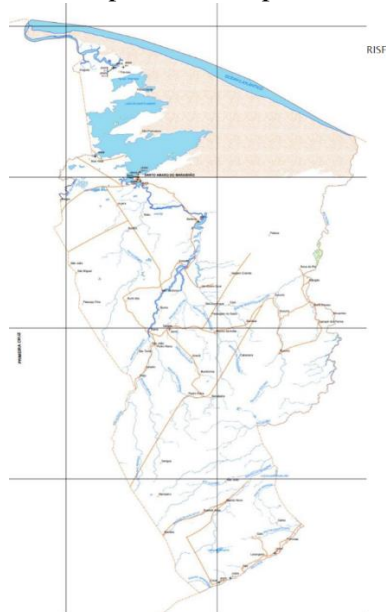
A comunidade de Travosa fica localizada no município de Santo Amaro do Maranhão, o município fica acerca de 227km, saindo do portal da capital do estado, São Luís (Google Maps, 2023), o município conta com uma extensão territorial de 1.582,806 km<sup>2</sup>, o PIB per capta 5.350,70 R\$, população estimada em 16.219 habitantes e IDH 0,518 (IBGE, 2022, 2020, 2021, 2010), e tem como prefeito Leandro Moura (PCdoB) (2021-2024) no município fica parte do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

**Figura 16** – Localização de Santo Amaro no mapa do Maranhão



Fonte: Wikipédia, ([202-?])<sup>4</sup>

**Figura 17** – Mapa do município de Santo Amaro



<sup>4</sup> É possível encontrar o mapa no seguinte sítio eletrônico:  
[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Santo\\_Amaro\\_do\\_Maranh%C3%A3o](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Santo_Amaro_do_Maranh%C3%A3o).

Fonte: Brasil (2011).

A comunidade de Travosa fica a cerca de 1 (uma) hora da sede do município e o trajeto para chegar até a comunidade pode ser feito pelas dunas ou pela vegetação através de carros 4x4.

**Figura 18** – Localização de Travosa no mapa de Santo Amaro



Fonte: Brasil (2011).

De acordo com a nota técnica nº 3/2019 do ICMBio, A comunidade de Travosa é a comunidade com a maior densidade populacional entre as comunidades existentes no PNLM (BRASIL, 2019), o que levou o ICMBio a liberar a instalação de escolas dentro da comunidade.

**Figura 19** – Unidade escolar na comunidade de Travosa



Fonte: Autor (2023).

Em Travosa as principais atividades econômicas estão relacionadas à pesca, que na comunidade é feita em caráter comercial que se difere da pesca de subsistência que acontecem em outras comunidades do Parque (CASTRO, 2021).

Na comunidade também são encontradas as marisqueiras, que fazem a tiragem do sarnambi, essa atividade é de grande importância econômica na Travosa e é a principal atividade da maioria das mulheres que lá residem.

Por estar situada dentro do PLNM, Travosa também conta com grandes atrativos naturais como a Lago Travosa e as dunas do Parque.

**Figura 20** – Dunas do PNLM



Fonte: Autor (2023).

**Figura 21** – Vista da paisagem do PNLM



Fonte: este ator, 2023.

Não existem grandes equipamentos turísticos dentro da comunidade, os visitantes geralmente se hospedam na casa de dona Aline, uma moradora da comunidade que passou a hospedar turistas em sua casa há cerca de dois anos, mas já oferecia alimentação há mais de cinco anos. Aline também é sócia do restaurante Toca da Guaja, em parceria com Margot, uma empresária carioca.

**Figura 22** – Aline em frente à sua residência onde recebe os visitantes



Fonte: Autor (2023).

**Figura 23** – Frente do restaurante Toca da Guaja



Fonte: Autor (2023).

## 8 RESULTADOS OBTIDOS

A presente pesquisa foi realizada entre os dias 22 e 26 de maio de 2023 e teve como objetivo analisar a cadeia produtiva do sarnambi, produto que é tirado pelas marisqueiras em Travosa. Além disso, destacar quais as suas principais dificuldades relacionadas a atividade e como as marisqueiras se organizam.

As Marisqueiras entrevistadas foram:

- Maria de Fátima Bezerra da Conceição;
- Maria Sebastiana Sales;
- Maria Aparecida Marques da Conceição;
- Jaqueline da Conceição Santos.

### 8.1 Cadeia Produtiva do Sarnambi

O Sarnambi é um dos principais produtos da comunidade de Travosa, junto com a pesca, todo o processo até se chegar no produto final que é vendido, é realizado de forma complexa e depende de uma grande quantidade de fatores como o as variações de maré e os horários em que ela baixa, o tempo e outros pontos que serão elencados ao longo da apresentação dos resultados.

Assim, antes de iniciar todo o processo de tiragem dos mariscos, é necessário que alguns fatores estejam favoráveis para que aconteça, o principal deles, como já mencionado, é a maré estar baixa, como mostra a Figura 24.

**Figura 24** – Vista da maré seca onde é feita a tiragem do sarnambi



Fonte: Autor (2023).

O horário em que a maré baixa também influencia na frequência em que as marisqueiras vão fazer a tiragem dos mariscos, pois quando ela seca nas primeiras horas da manhã permite que as marisqueiras possam ir até 3 vezes durante a semana, como relata dona Sebastiana (Apêndice 2) “*Quando a maré tá própria, tá boa, assim, digamos, boa assim porque dá pela manhã a gente vai 7 horas, aí a gente acostuma a ir 3, até 3 vezes na semana.*”.

Dona Fátima (Apêndice 1) em seu relato corrobora a fala de dona Sebastiana, “*Quando dá pela manhã é até bom porque a gente não pega a lama quente, mas quando chega pra 10 hora, 11 hora.*”. Desse modo, a partir dos relatos dados em entrevistas, o horário da manhã é sempre o preferido para se fazer a retirada do marisco, pois as condições são mais favoráveis como menos calor por conta do sol e a lama está mais fria para que elas não precisem trabalhar na lama quente.

No entanto, as marisqueiras não deixam de ir se a maré baixa mais tarde, principalmente se há alguma demanda para ser cumprida. Apesar de ser um trabalho manual e que não atende grandes indústrias ou comércios, a tiragem de sarnambi pode ser entendida como uma cadeia produtiva – CP, pelo fato de sua matéria-prima passar por diversos processos até chegar na fase final de vendas, pode ser dito que a cadeia produtiva do sarnambi funciona da forma que é mostrada no esquema abaixo:

**Esquema 1** – Cadeia produtiva do sarnambi



Fonte: elaborado pelo autor.

Alguns instrumentos necessários para o processo de tiragem dos mariscos até o processo final são o pequeno gadanho, o landuá, o separador de casca morte e o batedor.

**Figura 25 – Pequeno gadanho<sup>5</sup>**



Fonte: Autor (2023).

**Figura 26 – Landuá<sup>6</sup>**



Fonte: Autor (2023).

---

<sup>5</sup> Instrumento com pregos nas pontas que auxilia as marisqueiras para cavar na lama.

<sup>6</sup> Semelhante a um cesto, é feito com o material de rede de pesca e serve para lavar o sarnambi na maré e retirar o excesso de lama.

**Figura 27 – O Separador de Casca Morta<sup>7</sup>**



Fonte: Autor (2023).

**Figura 28 – O Batedor<sup>8</sup>**



Fonte: Autor (2023).

Apesar de auxiliar as marisqueiras no processo de tiragem dos mariscos, os itens citados não são utilizados por todas as marisqueiras, algumas fazem todo o processo de forma manual, sem o auxílio de instrumentos.

Todo o processo da tiragem dos mariscos é feito da seguinte forma: se iniciando na maré.

---

<sup>7</sup> Instrumento feito com a frente de um ventilador e é utilizado para separar as conchas vazias das normais depois do processo de lavagem, essa parte é feita na própria residência das marisqueiras depois que chegam da maré e lavam novamente o marisco, dessa vez com água doce.

<sup>8</sup> Depois de cozinhar o sarnambi é necessário retirar a fava da concha, muitas fazem o processo manual de tirar uma por uma das conchas, mas também é possível utilizar um batedor, o batedor é feito com um caixote de plástico, com esse instrumento as marisqueiras, põem o sarnambi cozinho dentro e começam a sacudir, ou como elas chamam: bater; esse processo permite que a fava se separe da concha mais rápido e em maior quantidade em menos tempo.



**Figura 29** – Tiragem do sarnambi no mangue



Fonte: Autor (2023).

**Figura 30** – Sarnambi após ser retirado do mangue



Fonte: Autor (2023).

Após a retirada do sarnambi na maré, o marisco é levado para casa onde os outros processos serão feitos. Os próximos processos são de lavagem, cozer e retirar o marisco da concha:

**Figura 31** – Sarnambi após a lavagem



Fonte: Autor (2023).

**Figura 32** – Processo de cozimento do sarnambi<sup>9</sup>



Fonte: Autor (2023).

---

<sup>9</sup> É necessário cozer o sarnambi para que sua concha se abra.

**Figura 33** – Retirada da fava da concha



Fonte: Autor (2023).

**Figura 34** – Fava do sarnambi após separada da concha



Fonte: Autor (2023).

Depois de todo esse processo, o sarnambi é mais uma vez lavado, colocado para escorrer a água, pois ele precisa estar completamente seco para ser pesado e embalado, ou o excesso de água pode afetar a qualidade do produto, todo esse processo de escorrer o a água leva em torno de 20 minutos, após esse processo ele é pesado, embalado, armazenado e está pronto para ser comercializado.

A demonstração supracitada mostra como a tiragem do sarnambi é feita da forma manual, sem o auxílio dos instrumentos que facilitam o processo, esses instrumentos são

utilizados quando tem grande quantidade de mariscos e o processo manual seria muito demorado.

Mas além das dificuldades do processo de tiragem, as marisqueiras enfrentam outros entraves que dificultam a sua profissão

## 8.2 Entraves na atividade das marisqueiras

As marisqueiras de Travosa enfrentam dificuldades no seu ofício desde o processo de tiragem dos mariscos na maré, onde estão sujeitas a riscos de doenças como relatam dona Aparecida que alega ter ficado doente por conta do exercício de sua profissão, onde hoje vive com problemas na coluna e nas articulações no punho e precisa do auxílio de medicamentos para suportar as dores constantes, como conta ao ser questionada: “*I: Certo. A senhora já chegou a se machucar ou teve alguma doença que a senhora contraiu por conta do ofício de tirar os mariscos?*”. (Apêndice 3). Como resposta tivemos:

*“A: Tenho sim. Eu adoeci minha coluna, hoje eu vivo através de remédio, quer ver eu vou pegar aqui a receita pra mim lhe mostrar. [...] A: Como ela é controlada, ela é azul, mas tá aqui no fundo da bolsa porque eu não posso comprar. Então, eu não sentia nada, mas depois que eu peguei, tirar o sarnambi, de tanto eu carregar o balde porque pesa muito, eu adoeci a minha coluna, hoje eu quase não posso andar, tendeu? Me trava as minhas perna.[...]já pra mim dormir eu dopada de remédio pra mim poder dormir; tá aqui ó os defeito das minha mão, tendeu? Isso aqui me dói de mais, tem dia que eu esqueço das coisas, quebra, tendeu?[...]aquí ó, minhas mãos, isso. Isso aqui eu não tenho quase firmeza nos meus braços”,* Aparecida, Apêndice 3.

Jaqueline (Apêndice 4) também relata que já teve problemas de coluna, onde passou quase uma semana sem ir trabalhar e também problemas íntimos por ter que se sentar na lama do mangue. Por conta da maioria das marisqueiras serem mulheres problemas relacionados a saúde íntima podem ocorrer devido as situações em que elas realizam o ofício.

Outro problema enfrentado pelas marisqueiras é a presença de animais como porcos e macacos que podem gerar outras doenças como micoses e infecções por bactérias como relata dona Fátima (Apêndice 1) e dona Aparecida (Apêndice 3), os animais circulam livremente na região dos manguezais e os porcos chegam a se alimentar do sarnambi também.

Dona Fátima relata que contraiu uma doença durante a tiragem dos mariscos:

*“[...] porque a maré oh, porque a... esse maré anda porco, né, as vezes ali tem coisa de micróbio de porco, as vezes também eu já peguei uma bactéria uma vez... esse, agora que já tô bem melhor mesmo, que eu tô usando um creme e minha filha comprou lá na Primeira Cruz e*

*fiquei boa, mas foi na maré, de pele, que rachou, rachou os meus pés aqui (mostra o pé), isso aqui coçava, agora não, agora à Deus depois desse creme, hehein, mas tudo da maré”* (dito por dona Fátima, Apêndice 1).

Outros riscos biológicos que se encontram na profissão é a presença do Niquim e da Siriboia, que como relata dona Fátima, são um peixe e um camarão que contem ferrões que esporam as marisqueiras, gerando dores constantes que duram entre 24 e 48 horas e as impedem de trabalhar enquanto as dores não cessam, esses animais ficam escondidos na lama e quando as marisqueiras, em algumas situações, vão fazer a tiragem do sarnambi podem acabar sendo vítimas destes animais.

Além dos problemas mencionados, as marisqueiras não costumam usar equipamentos de proteção, como luvas, botas, dentre outros equipamentos que as protejam das ameaças biológicas já supracitadas.

A falta de uso de protetor solar também é recorrente segundo os relatos das marisqueiras, o que as deixam ainda mais vulneráveis a doenças de pele e até mesmo o risco de câncer de pele pela exposição ao sol.

**Figura 35 – Peixe Niquim**



Fonte: Site Pesca na Praia<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> É possível encontrar a figura no seguinte sítio eletrônico: <https://pescanapraia.com/peixe-niquim/>.

**Figura 36 – Camarão Siriboia**

Fonte: Facebook (2020)<sup>11</sup>

As adversidades depois do processo de tiragem dos mariscos continuam porque como a grande maioria das marisqueiras não residem próximo a maré, elas tem que levar o marisco até em casa, onde pagam pessoas para fazerem esse transporte como relatam dona Sebastiana (Apêndice 2) e dona Aparecida (Apêndice 3), dona Sebastiana, por morar próximo de onde tem um canal de maré, paga um rapaz que leva o produto na canoa até próximo de sua residência, já dona Aparecida relata que paga 10 reais por saco de Sarnambi da maré até a sua casa. Depois de todo esse processo, elas vão fazer a preparação do sarnambi até a parte do armazenamento como anteriormente citado.

Portanto, não bastassem os entraves elencados no processo de produção, a incerteza quanto os compradores é um dos maiores problemas relatado por todas as marisqueiras, pois não existem compradores fixos para os mariscos delas, essa falta de compradores afeta a todas as marisqueiras que não tem para quem vender o produto, mesmo tendo o produto, que as vezes ficam longos períodos parados nos congeladores das marisqueiras até vender tudo.

Muitas trabalham por meio de encomenda do sarnambi onde pessoas de fora da comunidade ligam fazendo pedido de Sarnambi, o que não é recorrente como relata dona Sebastiana (Apêndice 2):

*“I: Mas é só então por encomenda?”*

*S: É, isso. A gente não tem um comprador pra dizer assim: ‘vamo tirar e vamo entregar’.*

*I: Tipo, não tem aquele comprador que fala assim ‘olha, todo sábado vocês mandam tanto’?*

---

<sup>11</sup> É possível encontrar a figura no seguinte sítio eletrônico:  
<https://www.facebook.com/292136061306538/posts/1005891003264370/>.

*S: Sim, não tem, não tem. Como aqui chegou uma, teve aqui uma gestão, que aí o inverno é muito grande, muita água, não tem como a gente transportar, só o meu marido que leva de barco, pra Ribamar; aí quando teve aqui uma, umas 3 vezes a gente teve essa dificuldade assim, porque arranhou produto, 500 e poucos quilos, a gente foi entregar em Humberto de Campos, mas aí é muito (3x) ruim, gasta muito” (Apêndice 2).*

Dona Fátima diz:

*“[...]a Travosa tem como crescer porque aqui tem muita saída, assim, tem como ter saída, não tem saída porque ainda não chegou ninguém pra comprar o nosso marisco, então, mas... se nós for mesmo, ir mesmo na linha certa, andar direitinho, vai ter e nós vai ter nosso dinheiro, pra nós comprar o que nós quer pra nós assim hehein, mas se não for é ruim, nós vamos tirar sarnambi e pra quem que nós vamo vender? Porque no Santo Amaro, eu já fui mais minha filha ali, ela levou até o menino dela pra vender... vendeu, mas não foi assim muito não; agora na Primeira Cruz, quando não é tempo de sururu, pode levar, se levar 20 quilos de sarnambi vende tudinho” (Apêndice 1).*

Quando conseguem uma grande encomenda, as marisqueiras enfrentam outro problema que é o transporte, as marisqueiras para transportar os mariscos não possuem veículo próprio e precisam fretar um carro que custa em média 300 reais, ou ir junto com os demais passageiros pagando a própria passagem e a da caixa onde levam os mariscos para os municípios próximos como: Primeira Cruz, a sede de Santo Amaro; algumas vezes precisam levar até São José de Ribamar, esse transporte é feito de barco de pesca.

*“[...]pra levar porque as vezes quando a gente vai, aí a gente paga as nossas passagens, mas sempre o dono de carro fica dizendo: “olha, cuidado pra não sujar o carro.”, seja de quem, aí a gente tem que botar dentro dum balde de manteiga e botar a tampa ali pra não vazar, balde bom, né, assim que não seja rachado e nem nada pra não vazar, mesmo eu sempre... ele tá certo porque aquele carro é pra carregar as pessoa que vai receber dinheiro, que vai receber bolsa família, todo mundo sai das suas casas limpo ninguém quer se sujar, não é mesmo?!” (Apêndice 1).*

A falta de transporte afeta todas as marisqueiras que já sofrem dificuldades para vender os produtos e quando encontram comprador precisam desembolsar mais dinheiro para levar até o seu comprador, “É 300, as vezes vai até 350, entendeu? O frete de um carro, e as vezes nem chega no ponto, é antes de onde é pra entregar” (Aparecida, Apêndice 3).

Com a carência de compradores e as dificuldades para transportar o produto, muitas marisqueiras deixaram de ir de forma regular para a maré, deixando a atividade de lado em alguns momentos.

O sarnambi, segundo as marisqueiras, é um marisco sazonal que tende a morrer e diminuir de quantidade no período de chuvas no Maranhão por não se dar bem com a água doce, então no período chuvoso elas vão menos a maré, há relatos de que na comunidade o marisco já chegou a sumir por um tempo, o que fez ela migrarem para outras croas, que são os locais onde elas fazem a tiragem do marisco.

*“Aqui teve uma, uma, mais ou menos tá com 6 meses, a gente ia buscar ele, a gente saia daqui 4 hora, 2 horas de viagem, motor, aí a gente se reunia, aí a canoa que meu marido pesca ela é grande né, pescado, esses peixes grande, aí a gente: ‘meu Deus quando é que ele chega pra gente ir lá?’, aí a gente se reunia, até de 20 pessoas a gente ia, aí: ‘quando é que a gente vai lá?’, aí a gente ia, lá tinha pessoas que tirava de 6 saco, desses saco cheio, porque lá tinha de mais, mas acabou, porque lá também assim entra água doce e mata ele, a areia do morro também, ela bateu ela mata ele, onde tem ele mata, ela mata porque eles não acostumam essa areia branca, aí mata ele. Era muito bom pra gente ir, só que a gente saia 7 horas da manhã e chegada 4 da tarde, porque a gente ia na altona de vazante e vinha na maré altona de enchente. [...]Jacabou, acabou lá, devido a gente tirando e também a água doce, quando ela entra muito, inverno muito grande, a água doce mata ele. Aí terminou lá e ficou aqui, aqui tem, nessa nossa... nessa nossa prainha aqui (risos), tem”* (Sebastiana, Apêndice 2).

Jaqueline diz que:

*“Quando tá chovendo, ele morre, sempre ele morre no inverno.*

*[...]: Ah, e ele não é todo tempo não, ele tem a época dele, tem uma... é porque eu não sei, mas acho que as outras sabem. Esse, tem uma época que ele some, que ele não dá, pra gente achar é difícil, aí passa de meses, aí pra gente voltar de novo tirar.*

*[...]: É, já me foi falado também que quando some daqui de onde vocês costumam tirar, vocês têm que procurar outra croa pra...*

*J: Isso, tem. E é bem longe, a gente vai de (3x)... a gente sai umas 4 horas porque depende da maré, depende da maré, as vezes a maré dá 4 horas da manhã e a gente vai, a gente foi muito durante... foi ano passado, foi, esse ano nós ainda não, não fomo pras outras praias não porque aqui ainda tem, a gente ainda não foi”* (Apêndice 4).

Apontado todos esses problemas, sejam de saúde, transportes e etc. as marisqueiras não contam com nenhum tipo de benefício ou auxílio financeiro voltado para elas, mesmo quando ficam doentes e impedidas de trabalhar, onde muitas tiram o sustento de suas casas do seu ofício, os únicos benefícios que algumas possuem são os benefícios sociais já existentes. Não existe nada voltado para a sua atividade, com a classe dos pescadores tem o “Auxílio Defeso”,



que os cobrem durante o período em que não podem ir pescar. As marisqueiras, que enfrentam dificuldades semelhantes por falta de mariscos, principalmente no período de chuvas, ficam desamparadas.

### 8.3 Organização das marisqueiras

As marisqueiras da Travosa se organizam de forma individual, em grupos formados por amigos e/ou familiares, esses grupos podem ser formados se houver um pedido muito grande de marisco onde uma só marisqueira não consegue atender a demanda como relata dona Sebastiana:

*“[...]tem aqui em Ribamar também outro rapaz, que meu marido pesca, aí ele liga: ‘olha, tantos quilos de sarnambi’, aí eu reúno com as minhas colega, as minhas amiga, aí eu reúno: ‘olha criança tô precisando de tantos quilo, tá o tempo assim, assim’, aí a gente arruma e manda. (Sebastiana, Apêndice 2).*

Se tratando da organização familiar:

*“[...]toda as minhas irmã que mora dentro de Travosa são tiradeira de sarnambi, elas são marisqueira, então nós, uma (2x) ela é mais andada, né, aí ela, sempre as pessoas falam mais com ela, aí ela vai, chama a gente e a gente vai tira o sarnambi, a gente deixa na casa dela que tem o congelador, porque na casa da gente não tem o congelador, só tem o congelador da geladeira, né, e não cabe; então a gente bota na casa dela que tem o congelador grande; aí a gente coloca lá e ela quando dá o que, se o rapaz encomendar 200 quilos, aí é 200 quilos a gente tira em dois dias...” (Jaqueline, Apêndice 4).*

Vendo a necessidade de uma organização mais efetiva é que a Associação das Marisqueiras de Travosa foi criada por iniciativa de dona Margot, ela ao perceber essa necessidade cedeu um terreno e construiu a associação com recursos próprios. Aline, que apesar de não ser marisqueira, foi indicada pelas marisqueiras como presidente da associação por conta de sua ajuda em todo o processo de criação. A associação conta com 20 associados, sendo 19 mulheres e 1 homem, foi inaugurada no dia 22 de maio de 2023 e contou com a presença de várias marisqueiras e membros do setor público do município de Santo Amaro.

**Figura 37** – Inauguração da Associação das Marisqueiras de Travosa



Fonte: Autor (2023).

**Figura 38** – Marisqueiras associadas na inauguração da associação



Fonte: Autor (2023).

A associação conta com 2 freezers para armazenar os mariscos e apesar de faltar alguns materiais a associação traz com a sua inauguração a esperança para as marisqueiras, elas creem que com a associação os problemas relacionados a venda do seu produto serão resolvidos e que com isso irão poder vender seu produto para um número maior de compradores.

Dona Fátima (Apêndice 1) diz que a cooperação de todas as associadas fará a diferença no funcionamento e sucesso da associação: “[...]se for tudo ‘combinadinho’ e tudo mesmo ‘organizadinho’ mesmo, nós mesmo vai pra frente, mas se uma... eu quero dum jeito, outra já quer de outro, nunca vai pra frente”. Sobre a venda dos mariscos ela fala que na associação todas irão ganhar pois com a possibilidade de um comprador surgir devido a associação evitará o desperdício, mas tudo de forma organizada e com a cooperação de todas.

“[...]nós vamo dar o nosso preço (inaudível) aí elas tem que acompanhar, agora se eu der um preço aí elas não quer aquele preço, elas quer mais, não gente, vamo, é melhor de que nós tirar e não receber, assim não vai pro mato (no sentido de jogar fora), que a gente come, fica, a gente vai, no dia que vai na Primeira Cruz, leva e vende; mas é ruim como eu tô lhe

*dizendo, então tem da pessoa, tanto aa pessoa ganha, como nós vamo ganhar... vai ser bom pra nós” (Fátima, Apêndice 1).*

Em relação aos deveres da associação ela fala também que a associação deve zelar por suas associadas:

*“Então, aí a gente, certo ali [inaudível], como é que eu quero dizer? A gente, é tipo assim que nem a gente tá pagando um órgão? Tá. Então, olha, você adoeceu, então você é de 3 meses ou de 6 meses... como é seus dados, me dê tudinho, aí já vem olha, é tanto... “seis mês pra você” ou antes, mas 5 mês já serviu aquilo dali; a gente já tá doente mas a gente tá recebendo, mesmo que, não é?”.*

Apesar da estrutura da associação não estar completa para o funcionamento imediato da mesma e iniciar suas atividades, isso não tira as expectativas das marisqueiras para a associação.

Mas há também marisqueiras que não estão associadas e creem que a falta de alguns materiais na associação pode impedir que ela se desenvolva, como é o caso de dona Sebastiana que ao ser questionada se fazia parte da associação respondeu que não justificando da seguinte forma:

*“Aquilo ali não vai em frente não, ali tá faltando muita coisa, muita coisa mesmo, porque sinceramente a gente aqui, a gente luta com ele mas a gente precisa, aqui tem um rapaz que a gente paga pra ele pegar lenha bem ‘aculá’, madeira seca, quando não é tem uma irmã lá que ela fala com uns rapaz que tem o carro pra transportar a lenha lá de fora pra cá, a gente precisa de um tacho, a gente precisa de um bloco pra bater, a gente precisa de muitas ali” (Sebastiana, Apêndice 2).*

Mas dona Sebastiana (Apêndice 2) diz que se a associação suprir as necessidades e faltas que lá existem, ela não descarta a possibilidade de se associar no futuro.

Mesmo com algumas restrições a associação também traz consigo benefícios devido a sua localização estratégica, ela fica localizada bem perto da maré, o que facilita o processo de transporte, onde muitas, como já supracitado, precisam carregar ou pagar pessoas para levarem o seu produto até suas residências. Então para as associadas será uma grande vantagem em relação a isso. Perguntada se a criação da associação vai facilitar o trabalho delas, apesar de ressaltar os pontos que precisam de melhorias, dona Aparecida (Apêndice 3) responde:

*“Com certeza. Agora, o que tá faltando é o seguinte — porque eu não tava na reunião, mas algumas pessoa me falou, porque tem que ter a lenha, né?! —, então a gente tem que procurar um transporte também pra adquiri a lenha pra gente colocar lá. Como nós somo da associação, a gente vai se reunir né, pra ajeitar; nós não tem uma panela, nós não tem ainda uma balança, nós não tem ainda uma... umas bacia pra gente poder lavar o produto, né?! Então*

*tudo isso tá faltando, e a instalação como você tá falando, vai ser ótima porque aí a gente vai aonde a gente trabalhar, tendeu? Porque tá claro né, a gente tem como trabalhar até 19h, 20h, por aí”.*

São cerca de 2 minutos da associação para o local onde as marisqueiras fazem a tiragem do sarnambi

**Figura 39** – Fundos da associação das marisqueiras



Fonte: Autor (2023).

**Figura 40** – Vista para a maré dos fundos da associação



Fonte: Autor (2023).

**Figura 41** – Frente da associação das marisqueiras



Fonte: Autor (2023).

Durante a inauguração da associação, como anteriormente citado, estavam presentes representantes da prefeitura de Santo Amaro e da Agência Estadual de Defesa Agropecuária do Maranhão – AGED, que em conversa com as marisqueiras falaram sobre a o alvará da Vigilância Sanitária do município para quando a associação estiver em funcionamento e estiver atendendo as condições necessárias. Já o representante da AGED falou sobre o selo de qualidade dos mariscos de Travosa que alegam que trará mais confiança no produto do povoado e acabará trazendo mais compradores.

Dona Aparecida (Apêndice 3) diz que mesmo que muitas não estejam associadas quer que os benefícios que a associação trará para elas não alcance somente a elas, mas que chegue a todas as marisqueiras da comunidade, fazendo com que isso atraia mais marisqueiras para a associação.

Quando questionada se o sucesso da associação também irá beneficiar as não associadas ela diz que:

*“Com certeza, com certeza porque nós somos tudo do lugar, aí a gente não vai querer só pra nós, né?! Algumas que não é ‘não, gente, vumbora dá um jeitinho, bora voltar pra lá, vamos se associar todo mundo’, porque é todo mundo um grupo, todo mundo sabe trabalhar, tendeu? Então é isso”.*

Seja na Associação das Marisqueiras, de forma individual ou em grupos, as marisqueiras de Travosa já se organizam de maneira em que elas se ajudam, seja para cumprir uma encomenda onde somente uma não daria conta, no auxílio de materiais que faltam, como os sacos para embalar os mariscos, a organização é entre a comunidade e para a comunidade.

#### 8.4 Análise do Campo de Forças

Baseado no conceito da Análise do Campo de Forças (supracitado na Metodologia) e nos resultados obtidos através da pesquisa de campo e das entrevistas realizadas, foi criada uma análise para a atividade das marisqueiras e todo o processo que envolve o sarnambi, desde a tiragem até a sua venda, destacando suas Forças Indutoras e suas Forças Restritivas.

A Análise do Campo de Forças é necessária para compreender de forma clara e objetiva os pontos que devem ser trabalhados e fortalecidos para que a atividade se desenvolva, bem como os pontos negativos para que sejam resolvidos, assim também colaborando para esse desenvolvimento, ou seja, desenvolver as Forças Indutoras e diminuir as Forças Restritivas.

**Quadro 1** – Análise do campo de forças

<b>ANÁLISE DO CAMPO DE FORÇAS</b>	
<b>Forças Indutoras</b>	<b>Forças Restritivas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade de organização;</li> <li>• Educação ambiental;</li> <li>• Inovações nos instrumentos utilizados;</li> <li>• Rede de comunicação com outras localidades para comercialização.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Risco de doenças ;</li> <li>• Falta de compradores fixos e de transportes;</li> <li>• Sazonalidade do produto;</li> <li>• Falta de reconhecimento da profissão;</li> <li>• Falta de políticas públicas voltadas para as marisqueiras.</li> </ul>

Fonte: Autor (2023).

Como pode ser verificado no (Quadro - 1) e ao longo do trabalho, as marisqueiras possuem pontos que favorecem positivamente (forças indutoras) a cadeia produtiva do sarnambi e outros pontos que requerem uma maior atenção (forças restritivas) tendo em vista que esses pontos impedem o avanço dessa cadeia.

Como forças indutoras, destacam-se aquelas que poderiam ser aliadas, como soluções para as necessidades ou avanço da atividade marisqueira. A capacidade de organização é considerada por ser um dos primeiros passos que formaliza e fortalece a atividade, as

marisqueiras conseguem se organizar, seja em grupos de amigos/família, ou na associação, essas organizações, de certa forma faz com que a atividade se mantenha de pé, compartilhando a renda entre elas e beneficiando o maior número de pessoas.

No que se trata da educação ambiental, é necessário que as marisqueiras tenham ciência do seu papel na preservação dos recursos naturais e que a tiragem do marisco de forma exploratória, sem os devidos cuidados, pode causar danos irreparáveis ao ecossistema do manguezal, fazendo até com que o marisco venha faltar.

Falando sobre inovação nos instrumentos, as marisqueiras, que hoje já utilizam algumas ferramentas que facilitam no processo desde a tiragem, até a retirada da fava da concha; investir na inovação dos instrumentos é necessário para modernizar toda a cadeia produtiva do sarnambi, tornando mais eficiente e gerando mais benefícios para a atividade.

Já quanto a rede de comunicação, poderiam ser formadas parcerias entre restaurantes e outros comerciantes de várias localidades para que as marisqueiras não fiquem reféns dos mesmos compradores de sempre que não fazem compras recorrentes; fortalecer e expandir essa rede de comunicação fará com que o produto chegue em outras localidades, alcançando um maior número de pessoas e conseqüentemente trazer benefícios econômicos para a comunidade.

No que se refere às forças restritivas, destacam-se alguns pontos que foram observados durante a presente pesquisa, nas entrevistas e na própria comunidade, com base nesses dados vale salientar que, os riscos de doenças causados tanto pelas atividades laborais que decorrem da tirada do marisco e todas as etapas, quanto a decorrência de animais que podem trazer outras doenças para as marisqueiras, o que acaba prejudicando a atividade e a renda dessas marisqueiras que ficam impedidas de trabalhar, mas não tem outra fonte de renda ou auxílios que as amparem nesses momentos.

Além disso, a falta de compradores fixos enfraquece a atividade e desestimula as marisqueiras a tirarem o sarnambi, pois se não há compradores, elas não enxergam a necessidade de realizar o ofício com frequência. A falta de transportes também é ruim para a atividade, pois como a maioria não tem meios para entregar os mariscos quando recebem alguma encomenda e precisam pagar o transporte para fazer a entrega do produto; a falta de transportes adequados pode também comprometer a qualidade do produto até chegar ao comprador final.

Enquanto a sazonalidade dos mariscos, cabe destacar que como relatado pelas marisqueiras, os mariscos tendem a sumir ou diminuir a quantidade em algumas situações, principalmente no período de chuvas. Isso gera impactos diretos na tiragem do sarnambi, onde elas têm que se deslocar para outras localidades para conseguir o produto, assim gerando mais

custos na produção. Também atrapalha toda a cadeia de produção impactando na tiragem do marisco e nas vendas, onde as marisqueiras precisam de mais tempo para atingir a meta do produto.

Já a falta de reconhecimento da profissão é algo que está dentro da gestão pública e da sociedade civil, onde muitos compradores tentam diminuir o valor do produto, gerando uma desvalorização do sarnambi e de todo o trabalho que está envolvido na sua cadeia de produção. Esse reconhecimento é necessário para que haja a proteção das marisqueiras e da preservação dos seus ofícios, bem como o reconhecimento da importância social e econômica das marisqueiras para a comunidade.

No que diz respeito a falta de políticas públicas voltadas para as marisqueiras, foi observado através dos relatos que as mesmas estão desamparadas pelo poder público, onde não possuem segurança dentro da sua profissão. Nesse caso se faz necessário a criação de políticas sociais que as auxiliem na compra de equipamentos de proteção, bem como em auxílios voltados para as marisqueiras durante os períodos em que o sarnambi diminui a quantidade, como é o caso do período chuvoso, relatado pelas marisqueiras, e também que as ampare quando ficarem doentes em decorrência de sua atividade.

Esta análise foi feita através do que pôde ser observado pelo autor, mas ela requer estudos mais aprofundados para definir de maneira sucinta essas forças, para que elas sejam trabalhadas, fortalecendo as indutoras e mitigando as restritivas, assim trazendo mais benefícios para as marisqueiras e a comunidade como um todo.

### **8.5 A Cadeia Produtiva, a Bioeconomia e o Turismo de Base Comunitária**

Com base nos conceitos de bioeconomia, onde alguns deles são o uso sustentável dos recursos naturais, eficiência e reutilização de recursos, dentre outros, esses conceitos podem ser inseridos dentro da cadeia produtiva do sarnambi em Travosa. Para o uso sustentável é necessário que as marisqueiras passem a ter consciência da importância dos manguezais, da manutenção e preservação do sarnambi e como a tiragem predatória pode afetar diretamente a cadeia produtiva, mas tudo isso só vem através da educação ambiental; é preciso trazer essa educação para dentro da comunidade, para as marisqueiras, para que assim os recursos não acabem.

Outro ponto é o uso integral dos recursos, nesse caso do sarnambi, o sarnambi além do produto principal que é vendido, também tem a concha que dentro da comunidade se acumula nos terrenos das marisqueiras, essas conchas por lá são utilizadas como material de construção, substituindo a pedra brita.



**Figura 42** – Conchas “mortas” do sarnambi



Fonte: Autor (2023).

As conchas também podem ser utilizadas para fazer artesanato, embora não seja um hábito entre as marisqueiras entrevistadas. O artesanato daria um outro uso para esse recurso, onde também ajudaria na complementação de renda das marisqueiras. A fabricação de artesanatos pode também atrair outras pessoas que não estão e nem querem estar dentro da profissão de marisqueira, mas mesmo assim podem ser beneficiadas pelos recursos oriundos da atividade. Para o uso em artesanato são necessárias oficinas para capacitar os moradores, orientar na precificação e nas vendas desses artesanatos.

Esses são somente alguns cenários onde a bioeconomia pode ser inserida dentro da cadeia produtiva do sarnambi, mas para se aprofundar mais nesses conceitos dentro a comunidade são necessários mais estudos e pesquisas para realmente fazer a implantação da bioeconomia dentro da comunidade.

Já em relação a inserção do TBC dentro da comunidade é necessário primeiro saber a vocação turística dela, se os comunitários têm interesse em elaborar, participar e gerir atividades voltadas para o turismo de base comunitária. Eles também precisam estar a par do potencial turístico que a comunidade possui.

A comunidade de Travosa tem grande potencial para criar uma iniciativa de TBC, dentro da comunidade há diversos atrativos como as dunas do parque, a proximidade com o litoral e outras paisagens naturais como os manguezais.

No contexto da cadeia produtiva do sarnambi é possível criar um roteiro de experiência imersiva com os visitantes, onde eles, guiados pelas marisqueiras, fazem todo o processo da cadeia, desde a tiragem na maré, até a tiragem da concha. Essa imersão dará ao visitante uma

perspectiva sobre a importância da valorização das marisqueiras, a sua importância para a formação daquela sociedade e de sua economia.

Assim como na bioeconomia, para a implementação de uma iniciativa de TBC dentro da comunidade são necessários mais estudos, coletas de dados, reuniões com a comunidade para sua capacitação, educação sobre o tema e outros fatores necessários para essa implementação.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho foi possível analisar que os objetivos foram atingidos, alguns de formas totais e outros de formas parciais, onde se requer mais estudos sobre o tema e o objeto de pesquisa para se chegar nos objetivos de forma integral.

O objetivo principal deste referido trabalho que era investigar a cadeia produtiva do sarnambi na comunidade de Travosa foi alcançado graças a pesquisa de campo que foi realizada na própria comunidade. Em relação a possibilidade de implementação dos conceitos de bioeconomia e turismo de base comunitária na cadeia produtiva é sim viável, mas são necessários mais estudos, pesquisas e conversas com a comunidade para que esses conceitos sejam implementados lá.

Falando sobre os entraves na cadeia produtiva, foi possível identifica-los através das entrevistas realizadas com as marisqueiras, cujo os relatos demonstraram que a falta de compradores fixos para o seu produto é o principal entrave dentro da cadeia produtiva, elas tiram o sarnambi, mas não tem para quem vender e ficam a mercê de encomendas de comerciantes dos municípios próximos, essas encomendas não tem datas fixas. O maior objetivo delas é conseguir um comprador que compre o seu produto semanalmente ou quinzenalmente, para que assim elas possam melhorar a sua renda e a sua qualidade de vida.

Outro entrave que gera um grande impacto negativo na cadeia produtiva é a falta de transportes. As entrevistadas relatam que não possuem veículo próprio para fazer a entrega do produto quando há uma encomenda, tendo que fretar um carro por cerca de 300 reais, ou dividir o transporte com outros passageiros, pagando a sua passagem e o frete da caixa, passando por alguns constrangimentos como o pedido dos donos dos carros para não sujarem o carro ou os outros passageiros. Quando vendem o produto para outras localidades elas não fazem os cálculos incluindo o preço do frete, assim desvalorizando o próprio produto. A falta de transportes adequados pode comprometer a qualidade final do produto que, necessita de refrigeração.

Em relação aos riscos relacionados a atividade de marisqueira, foi possível os indicar através dos relatos das marisqueiras e entrevistas, em que, nesses relatos elas contam que estão sujeitas a doenças oriundas do labor como problemas na coluna, doenças íntimas pelo contato direto com a lama e outros riscos relacionados a presença de animais na maré. Esses riscos não podem ser extinguidos, mas podem ser mitigados através de ações que aparem as marisqueiras.

No que se trata da organização das marisqueiras, a análise feita tanto por meio de observação, entrevistas e conversas, é que as marisqueiras tem uma capacidade muito grande

de se organizar, seja com amigos, familiares e até mesmo na Associação das Marisqueiras de Travosa. No entanto, as marisqueiras de Travosa poderiam alcançar um nível maior de organização e cooperativismo, mas isso é impedido pois ainda existem alguns elementos que prejudicam o relacionamento entre algumas marisqueiras, a exemplo disso é que há marisqueiras que não querem se associar pois tem problemas pessoais com outras marisqueiras. Uma organização cooperativa é necessária para que juntas elas possam adquirir conquistas que beneficiem a todas, não somente a um grupo, além de ser uma prerrogativa do TBC.

Como foi mostrado no (Quadro – 1) a Análise do Campo de Forças foi realizada com base nas observações e resultados obtidos na pesquisa pelo autor. Os pontos destacados na análise, tanto as forças indutoras, quanto as forças restritivas devem ser melhor estudadas e analisadas, só assim, através do fortalecimento das forças indutoras e da mitigação das forças restritivas, é que a cadeia produtiva pode se desenvolver e trazer benefícios para toda a comunidade.

Por fim, os objetivos parcialmente atingidos foram aqueles que tem os conceitos da bioeconomia e do turismo de base comunitária atrelados a eles, pois são necessários mais estudos e pesquisas sobre a cadeia produtiva e sobre esses conceitos para que eles venham ser implementados dentro da cadeia produtiva do sarnambi e na comunidade em geral, trazendo desenvolvimento socioeconômico para toda Travosa.

Enquanto as limitações do estudo, destaca-se a falta de patrocinador financeiro para a elaboração da pesquisa, o que acabou limitando a quantidade de dias na comunidade para a realização de um estudo mais profundo da cadeia produtiva e de como os conceitos de Bioeconomia e TBC podem ser inseridos na comunidade, já que a pesquisa foi realizada com recursos próprios. Os recursos humanos para a realização da pesquisa também é um ponto a ser destacado, dado o tamanho da comunidade e a quantidade de marisqueiras, o pesquisador sozinho não conseguiu abranger a sua pesquisa em grande parte da comunidade.

### **9.1 Algumas Recomendações**

É recomendado que os estudos sobre a comunidade de Travosa tenham continuidade, investigando mais a fundo a cadeia produtiva, conversando com um número maior de marisqueiras, com as outras pessoas da comunidade, com os representantes dela, para que assim a comunidade venha desenvolver uma iniciativa de TBC, aliada a bioeconomia. Para isso é necessário um trabalho que envolva mais pessoas, para assim atingir um maior número de marisqueiras e outros comunitários, para que se desenvolvam estratégias para a implementação desses conceitos.

É necessário também sentar com os gestores públicos das instâncias federais, estaduais e municipais para discutir sobre políticas sociais para a comunidade, trazendo assim amparo e segurança aos comunitários.

Realizar palestras e oficinas para educação ambiental, capacitação profissional, aprendizagem de artesanato com as conchas do sarnambi, ensino sobre a importância da segurança pessoal durante a tiragem dos mariscos e como a saúde das marisqueiras pode ser afetada por conta do labor.

Essas são somente algumas recomendações para auxiliar no desenvolvimento da comunidade de Travosa.

## REFERÊNCIAS

BRADERCO. **Cadeias Produtivas**. [202-?]. Disponível em:

<https://banco.bradesco/html/pessoajuridica/parcerias-e-oportunidades/cadeias-produtivas.shtm>. Acesso em: 08 jun. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 84.017, de 21 de setembro de 1979**. Aprova o Regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros. Brasília, DF: Câmara dos deputados, 1979.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº 465, de 2018**. Altera os limites do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, criado pelo Decreto nº 86.060, de 2 de junho de 1981, localizado nos municípios de Primeira Cruz, Santo Amaro do Maranhão e Barreirinhas, no Estado do Maranhão. Brasília, DF: Câmara dos senadores, 2018.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (org.). **Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federais**: caderno de experiências. Brasília, DF: ICMCBio – MMA, 2019. Disponível em: [www.each.usp.br/turismo/livros/turismo\\_de\\_base\\_comunitaria\\_em\\_ucs.pdf](http://www.each.usp.br/turismo/livros/turismo_de_base_comunitaria_em_ucs.pdf). Acesso em: 21 jun. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federais**: princípios e diretrizes. Brasília, DF: ICMCBio, 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2000]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19985.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm). Acesso em: 09 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Bioeconomia pode impulsionar reindustrialização brasileira em bases verdes. **Gov.br**. Notícias. 02 fev. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/02/bioeconomia-pode-impulsionar-reindustrializacao-brasileira-em-bases-verdes>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Icmbio). **Nota Técnica nº 3/2019/PARNA Lençóis Maranhenses/ICMBio**. Análise técnica do projeto de lei nº 465 de 2018 de autoria do senador Roberto Rocha (PSDB / MA). Barreirinhas: [s.n.], 2019. Disponível em: [https://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/images/stories/Nota\\_Tecnica\\_-\\_alteracaolimitesparnalencoismaranhenses.pdf](https://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/images/stories/Nota_Tecnica_-_alteracaolimitesparnalencoismaranhenses.pdf). Acesso em: 28 abr. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Icmbio). **Plano de manejo**: reserva extravista marinha do pirajubaé. Florianópolis: [s. n.], 2021. 63 p. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/documentos/pdf/Plano\\_de\\_Manejo\\_Resex\\_Pirajubae.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/documentos/pdf/Plano_de_Manejo_Resex_Pirajubae.pdf). Acesso em: 22 jun. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Icmbio). **Plano de uso público do parque nacional dos lençóis maranhenses**. Barreirinhas: [s.n.], 2022. 53 p. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt->

br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/parna-dos-lencois-maranhenses/copy\_of\_plano\_uso\_publico\_pnlm.pdf. Acesso em: 08 jul. 2023.

BNDES. Unidades de conservação: os diferentes tipos e suas contribuições para o desenvolvimento. **Blog do Desenvolvimento**. Unidades de conservação. Sustentabilidade. Meio Ambiente. 17 dez. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.bndes.gov.br/blogdodesenvolvimento/detalhe/Unidades-de-Conservacao-os-diferentes-tipos-e-suas-contribuicoes-para-o-desenvolvimento/>. Acesso em: 29 maio 2023.

CARDOSO, Paulo Roberto Macedo. **Turismo de base comunitária na resex marinha do delta do Parnaíba**: percepções e práticas da conservação da sociobiodiversidade em meios de hospedagem no povoado Canárias. 2022. Monografia (Graduação em Hotelaria) — Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

CASTRO, Claudio Eduardo de. Comunidades tradicionais do parque nacional dos lençóis maranhenses: diferenciações na (re)produção do lugar. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 25, n. 4, p. 1588-1609, dez. 2021.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas da pesquisa em turismo**. 7. ed. São Paulo: Futura, 2003. 286 p.

EMBRAPA. **Bioeconomia**: a ciência do futuro no presente. [2020?]. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-bioeconomia/sobre-o-tema>. Acesso em: 22 abr. 2023.

EMBRAPA. **Bioeconomia no Brasil pode gerar faturamento de US\$ 284 bi anuais**. 2023. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/77870291/bioeconomia-no-brasil-pode-gerar-faturamento-de-us-284-bi-anuais>. Acesso em: 30 abr. 2023.

EUROPEAN NETWORK FOR RURAL DEVELOPMENT. Mainstreaming the bioeconomy. **EU Rural Review**, [S. l.], no. 28, ago. 2019. Disponível em: [https://ec.europa.eu/enrd/news-events/news/eu-rural-review-28-mainstreaming-bioeconomy-online\\_en.html](https://ec.europa.eu/enrd/news-events/news/eu-rural-review-28-mainstreaming-bioeconomy-online_en.html). Acesso em: 05 jul. 2023.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL. **Turismo de base comunitária**. Manaus: Fundação Amazônia Sustentável, 2022. Disponível em: <https://fas-amazonia.org/wp-content/uploads/2022/12/pas-cartilha-turismo-de-base-comunitaria-1-compressed.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.

IBGE. **Santo Amaro do Maranhão**. Cidades e Estados. [202-]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/santo-amaro-do-maranhao.html>. Acesso em: 27 maio 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. WWF Brasil. **Efetividade de gestão das unidades de conservação federais do Brasil**. Brasília, DF: Ibama, 2007.

INSTITUTO ESCOLHAS. **Como a bioeconomia pode combater a pobreza na Amazônia?** Sumário Executivo. São Paulo: [s.n.], 2023. Disponível em: <https://escolhas.org/wp->

content/uploads/2023/03/Sumario-Como-a-bioeconomia-pode-reduzir-a-pobreza-na-Amazonia.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

LINS, Bernardo F. E.. Ferramentas básicas da qualidade. **Revista Ibict**, Brasília, DF, v. 22, n. 2, p. 153-161, ago. 1993.

MACHADO, Álvaro. Unidades de conservação: caminho natural do ecoturismo. *In*: MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo**: um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2005. p. 50-72.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. *In*: BARTHOLLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25-44.

MARANHÃO. Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Naturais. **Unidades de Conservação**. [201?]. Disponível em: <https://www.sema.ma.gov.br/unidades-de-conservacao>. Acesso em: 29 maio 2023.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa. **Desenvolvimento do turismo de base comunitária**. Campinas: Alínea, 2009. 190 p.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa.; PEGAS, Fernanda Vasconcellos. Turismo de base comunitária no Brasil. Insustentabilidade é uma questão de gestão. **Revista Turismo em Análise**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 170-189, 2013. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v24i1p170-189. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/64176>. Acesso em: 9 jul. 2023.

MJV. Cadeia produtiva: saiba como funciona e como torná-la mais sustentável. **MJV Innovation**, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.mjvinnovation.com/pt-br/blog/cadeia-produtiva/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

OECD. **The bioeconomy to 2030**: designing a policy agenda: main findings and policy conclusions. [S. l.]: Organisation for Economic Co-operation and Development, 2009. Disponível em: <https://www.oecd.org/futures/long-termtechnologicalsocietalchallenges/thebioeconomyto2030designingapolicyagenda.htm>. Acesso em: 01 jul. 2023.

PORTAL DA INDÚSTRIA. **Indústria de a – z**: o que é a bioeconomia?. [2020?]. Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/bioeconomia>. Acesso em: 26 mar. 2023.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 27 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49>. Acesso em: 03 jul. 2023.

ROZENFELD, Henrique. **Análise do campo de forças**. [201?]. Disponível em: [https://flexmethod4innovation.com/pratica/analise-do-campo-de-forcas/#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20do%20campo%20de,contribuem%20negativamente%20\(for%C3%A7as%20restritivas\)](https://flexmethod4innovation.com/pratica/analise-do-campo-de-forcas/#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20do%20campo%20de,contribuem%20negativamente%20(for%C3%A7as%20restritivas)). Acesso em: 21 jun. 2023.



SANTOS, Marivan Tavares dos. Fundamentos de turismo: um breve olhar: o que é o turismo?. *In*: SANTOS, Marivan Tavares dos. **Fundamentos de Turismo e Hospitalidade**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010. p. 12.

SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. *In*: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 142-161.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [s. l.], v. 20, n. 43, p. 64-83, jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SILVA, Marcos dos Santos. Cadeia produtiva do leite: um estudo de caso no município de Itaquiraí-MS. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) — Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/2096>. Acesso em: 08 jul. 2023.

SILVA, Michele Maria da; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Glênio Oliveira da. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 91-109, 27 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/45>. Acesso em: 08 jul. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Análise de cadeias produtivas: 4º semestre**. Santa Maria: Ministério da Educação, [2009]. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16173/Curso\\_Agric-Famil-Sustent\\_Analise-Cadeia-Produtiva.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16173/Curso_Agric-Famil-Sustent_Analise-Cadeia-Produtiva.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 08 jul. 2023.

VIEIRA, Kiara Cristine Diniz; ARAÚJO, Mônica de Nazaré Ferreira de; CÂMARA, Rosélis de Jesus Barbosa; RIBEIRO, Ruan Tavares. O protagonismo feminino e o turismo de base comunitária: um estudo das empreendedoras de Betânia e Travosa do município de Santo Amaro do Maranhão. **Revista Turismo Estudos & Práticas**, [S.I.], v. 11, n. 2, p. 1-20, jul. 2022. Disponível em: <https://geplat.com/rtep/index.php/tourism/article/view/1011>. Acesso em: 01 jul. 2023.

WWF. Unidades de conservação no Brasil: quanto o Brasil tem em unidades de conservação? **WWF Brasil**, 2019. Disponível em: [https://wwfbr.awsassets.panda.org/downloads/factsheet\\_uc\\_tema03\\_v2.pdf](https://wwfbr.awsassets.panda.org/downloads/factsheet_uc_tema03_v2.pdf). Acesso em: 03 jul. 2023.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

DONA FÁTIMA (23/05/2023)

I: Ian Kauê (entrevistador)

F: Fátima (entrevistada)

F: Mais de dez anos, eu acho né?! Porque desde de muito tempo. (fala de dona Fátima sobre o tempo em que é marisqueira antes de começar a entrevista)

I: Então, eu estou aqui com a dona Maria de Fátima Bezerra da Conceição, ela é marisqueira e pescadora. A senhora disse que é marisqueira há mais de dez anos?

F: É!

I: Pescadora também?

F: É sim, também.

I: Nesse mesmo período, né?!

F: Unhum!

I: Certo, dona Fátima, a senhora pode me informar como é o processo de... de tiragem dos mariscos, como é que é feito?

F: Sim, tirado lá?

I: Sim, sim.

F: Isso. A gente vai... pra maré, agora a maré tá o que? Tá vazando.

I: Certo.

F: Aí a gente chega lá, a gente se senta na lama porque a gente tem que se sentar. Quando dá pela manhã é até bom porque a gente não pega a lama quente, mas quando chega pra 10 hora, 11 hora, a gente se senta e gente já tira aquele sarnambi aí bota dentro do landuá, a gente vai lavar, tirar a casca porque vem casca, né. A gente tira não todo porque se a gente for só pra tirar,

não tira nada. Chega a gente lava lá, bota dentro do balde, do balde a gente bota dentro do saco. A gente tira um saco de sarnambi, ‘mei’ saco, assim, o tanto que eu quiser mesmo tirar. Aí quando chega, aí eu mando meu filho, quando não é meu companheiro, meu esposo, buscar. Chega lá ele faz o fogo, aí a gente vai lavar de novo na água doce, aí bota no panelão e bota no fogo e deixa ‘frever’, quando ‘freve’ aí a gente vai e bota em cima numa ‘tauba’, aí vai tirando um por um.

I: Ah, então todo é... depende também da variação da maré, né?!

F: É!

I: A maré tem que tá vazando, tem que tá seca para vocês conseguirem?

F: Isso! Quando a maré vai secando mesmo, aí a gente vai começando... a gente já vai começando a tirar.

I: Ah, sim! Então não tem horário certo, depende exclusivamente da maré?

F: Não tem, não tem, isso, isso.

I: A senhora disse que é marisqueira há mais de dez anos. Eu soube também que as suas filhas também são marisqueiras.

F: São.

I: Esse ofício a senhora que passou pra elas, a senhora levava elas desde cedo pra verificar como era o ofício ou foi por parte de interesse delas quererem aprender a fazer a tiragem dos mariscos?

F: Não, quando elas morava junto comigo eu levava elas, mas aí... fica até aquela forma... a idade que tá acompanhando a gente. Aí depois que procura os seus marido, aí elas mesmo vão.

I: Ah, sim! Elas iam com a senhora e agora continuam também, certo?

F: Isso.

I: É, dona... dona Fátima, da sua profissão de marisqueira, o que a senhora me diria que é a maior dificuldade hoje que a senhora tem em relação a tiragem dos mariscos?

F: Ah, é esse... eu durante eu tirando sarnambi, aí eu fui uma vez tirar, aí... o sarnambi é bom e é ruim porque tem muito coisa, inseto na lama; tem o “niquin” que é um peixe, é mesmo que assim um “pacamão” e ele é tipo assim um “pacamão”, não sei se você conhece “pacamão”... e o ‘oto’ é tipo um camarão ele... eu já fui esporada justamente esse dedo aqui (mostra o dedo

indicador da mão direita). Foi 24 hora, esse “siriboia” que chama, ele é que nem um camarão, foi 48 hora, porque o “niquin” é 24 hora e ele é 48 horas, doendo; isso aqui ficou... a cabeça do meu dedo a coisa mais feia, isso daqui, eu gritei de mais. Aí sempre... aí quando eu vou pra maré eu fico com muito medo, mas como eu sou evangélica agora, eu não tenho medo de nada não, porque eu me entrego mesmo, na hora que eu saio eu entrego mesmo só pra Deus: “Deus, vai tirando tudo que de inseto maligno que fica na lama e vai caindo por terra, lança por terra.”

I: Certo, quando a senhora faz a tiragem do... agora depois desse incidente que a senhora teve, a senhora não usa nem um tipo de proteção, luvas ou nada do tipo?

F: Não, não tem nada, não tem nada. É só mesmo uma touquinha que eu boto mesmo, que eu comprei, boto no meu cabelo, só. Não tem assim, assim a veste assim pra gente assim, vestir a calça, ou a camisa manga comprida que a gente pega muito sol. Tem tempo que meus ficaram tudo, chega ficava mesmo que assim um sangue, oh; aí eu dizendo ali pra moça bem ali, minha, minha vizinha bem ali que mora, que ela tem coisa que câncer de pele e aí ela dizendo que... (inaudível) que nesse tempo ela não andava não, era só caminhando pro colégio e esse, ensinando aluno e feriu ela, e ela dizendo: “olha irmã, cuidado, isso é doido pra dar câncer de pele.”. Porque a gente tem que tá preparada; por isso que ontem (se referindo a inauguração da Associação das Marisqueiras de Travosa no dia 22/05/2023) eu quis falar, mas aí tinha uma menina bem aqui, assim: “irmãzinha se aquiete, fique só na sua, deixa só eles falar.”. Mas eu ainda me levantei pra mim falar, mas aí ela me puxou: “não diga nada não!”, mas eu disse assim: “não, mas a gente tem que falar, gente, a gente não pode ficar com aquilo dentro da gente não.”. Então, a gente tem... que eu ia perguntar assim: “como que a gente vai, a gente vai tirar esse sarnambi, quando a gente chegar, a gente não tem um freezer pra botar, aí a gente não tem o comprador pra comprar... quem vai comprar o nosso sarnambi? Então nós tem que tá preparado com tudo, olha, calça (2x), camisa manga comprida, ou um boné, ou um chapéu, qualquer coisa também; pra gente num... umas luvas na mão.”, porque aquilo ali é muito perigoso, muito mesmo.

I: Certo, ontem que a senhora fala no dia 22 de maio do ano de 2023 é sobre a inauguração da Associação das Marisqueiras aqui na comunidade de Travosa, certo?! É, então a sua dúvida também lá, que a senhora não conseguiu sanar lá, mas era sobre como é... ia fazer o armazenamento desse produto?

F: Isso! E se não ia ter nada assim pra nós um dia... num fosse chegar nada assim pra gente se prot... assim ter tudo pra gente usar, assim pra gente, assim pra gente sentar assim...

I: Certo, o EPI né, o equipamento de proteção?

F: Isso, isso... e quando chegasse como era lá na associação, se tinha certos panelão pra gente cozinhar, ser todo mundo unido porque, oh, se tiver 5, já boto 5, 5, então: “minhas irmã, agora nós 5, nós vamo tirar.”, aí pode ser duas, ou eu mais minha filha, nós pode tirar junto. Nós tamo o quê? Nós fomo pra maré, nós tiramo 5 quilos; amanhã nós vamo, nós vamo botar pra nós tirar ou os mesmo 5 ou até mais... é bom assim de dois. Assim, eu não vou dizer os outros, né, porque pode querer assim junto, mas os nossos filhos sempre tem um carinho com a mãe, né?! Então, nós ‘pesemo’ olha, então (inaudível), “então é nós que vamo comprar desde o saquinho pra pesar de quilo? - é, vocês.”, então é pela nossa parte; “então, mas o panelão, como é, é dado? Você vai... como é? Porque tem que ter essas coisas ‘tudinho’.”, eu queria falar, mas... ela não deixou e eu disse: “ah, é mesmo. Eu vou me aquietar mesmo, deixa mesmo só eles falar.”.

I: Certo, pelo que eu verifiquei, o processo hoje de tiragem dos mariscos é feito de forma individual ou familiar, como a senhora disse que as vezes vai com as suas filhas fazer essa tiragem. Eu queria saber, como a senhora vê agora que foi inaugurada a Associação das Marisqueiras, a senhora acha que vai trazer melhorias pro processo de tiragem dos mariscos?

F: Vai, se (2x) se for tudo “combinadinho” e tudo mesmo “organizadozinho” mesmo, nós mesmo vai pra frente, mas se uma... eu quero dum jeito, outra já quer de outro, nunca vai pra frente.

I: Então a senhora acha que é importante a união de todas as associadas?

F: É, é de todas (3x), aí no fim daquilo ali, olha, hoje não tem, hoje nós não vamo porque eles já ligaram que é só tal dia que vem, então nós tamo... já digo: “200 quilos”, nós todas, 200 quilos de sarnambi; oh (2x), tal dia: “no dia 20 nós vamo chegar aí” que é o comprador já vai pra receber, “tal dia nós quer tantos quilos”, então é pra nós dar conta daquilo ali (situação hipotética). Ali vai ter o quê? Tem que ter o lanche, assim pra gente, assim, um lanche, um lanche você (se referindo ao entrevistador) já sabe, qualquer coisa é um lanche. Aí a gente vai, a gente sai desde a casa da gente, a gente já toma o café tudo, mas na hora que gente for, pra chegar, pra ter menos assim um lanche, uma coisa, pra gente lanchar que é: “criança, agora nós vamo botar mesmo pra terminar mesmo o serviço e nós começa.”, mas tudo unido, mas se for um pra um lado e outro pra outro. Gostei, tá tudo mesmo bem bonitinho, hehein, a Travosa tem como crescer porque aqui tem muita saída, assim, tem como ter saída, não tem saída porque ainda não chegou ninguém pra comprar o nosso marisco, então, mas... se nós for mesmo, ir mesmo na linha certa, andar direitinho, vai ter e nós vai ter nosso dinheiro, pra nós comprar o

que nós quer pra nós assim hehein, mas se não for é ruim, nós vamos tirar sarnambi e pra quem que nós vamo vender? Porque no Santo Amaro, eu já fui mais minha filha ali, ela levou até o menino dela pra vender... vendeu, mas não foi assim muito não; agora na Primeira Cruz, quando não é tempo de sururu, pode levar, se levar 20 quilos de sarnambi vende tudinho.

I: Essa saída que a senhora fala, é a venda do produto, né?!

F: É, é a venda.

I: Certo, então outra dificuldade que vocês enfrentam aqui é essa questão de vender o produto de vocês?

F: Isso, pra levar porque as vezes quando a gente vai, aí a gente paga as nossas passagens, mas sempre o dono de carro fica dizendo: “olha, cuidado pra não sujar o carro.”, seja de quem, aí a gente tem que botar dentro dum balde de manteiga e botar a tampa ali pra não vazar, balde bom, né, assim que não seja rachado e nem nada pra não vazar, mesmo eu sempre... ele tá certo porque aquele carro é pra carregar as pessoa que vai receber dinheiro, que vai receber bolsa família, todo mundo sai das suas casas limpo ninguém quer se sujar, não é mesmo?!

I: Então a senhora tá me dizendo que as dificuldades que vocês enfrentam é pra vender o produto e como é... transportar esse produto também, né?!

F: Isso!

I: Porque pelo que entendi aqui ninguém tem veículo próprio pra é... transportar esse produto pro comprador, né?!

F: É só o que pega é só isso aí, mas se tivesse mesmo diz assim: “minha filha, olha, vai o comprador aí no dia 20, é pra você tá com sarnambi, oh, eu já vou aqui vocês tiram uns 200 quilos, 150.”, porque nós somos muito, é muita marisqueira, siow. Se for mesmo toda... reunida, tudo unida, nós faz um... todo mundo vai ganhar seu dinheirinho e ganha; mas se for só um (inaudível).

I: Certo, então é, vocês não têm nenhum comprador fixo?

F: Não, não tem não, só é ruim por causa disso. Oh, a minha filha ali é tiradeira mesmo, indo e voltando, a mais velha; eu tirei o que, eu tirei 58 quilos, foi 58 quilos ou foi 54 quilos, não, 54 quilos, oh aí, a 11, a 12? 11 reais, 11 reais, olha dava o quê? Dava uma um valor de 580, 580, cê acredita que de 580 eu ainda tenho ainda, assim porque fica e eles ficam: “eu pago hoje, eu pago amanhã.”, e não é ela, é o comprador que fica lá e aí fica; aí como eu adoeci fui pra

Primeira Cruz e fiquei e ela ainda tem até hoje a “bicha velha” ainda vai me pagar ainda, que (2X) eles ficam assim... aí não tem, não tem gente certa pra pagar, assim pra comprar, pra gente dizer assim: “comprou, tá aqui, é tanto, é tanto da irmã Fátima.”, aí vai dizendo o nome das tiradeira tudinho, nós sabe; eu boto, todos quilos que eu tirei, ela vai também, e se for filha, não é só um só, é tá: “bote no nome da mamãe ou no meu.”, quando for no dia: “tá aqui seu dinheiro e tá aqui o meu.”, se der 200 é 100 meu e 100 da minha filha. Então ficou, então não tem o comprador mesmo direto, porque se tivesse um comprador era muito bom, era muito bom e nós ganhava dinheiro; aí nós ganhava, tanto nós ganhava como eles lá ganhavam, né, porque nós não tem nada a ver, que eles podem vender até de 100 reais o quilo, nós não tem nada a ver, nosso preço é tanto, nosso sarnambi é tanto, o que uma disser é aquilo, mas o importante é a pessoa certa pra gente vender o sarnambi.

I: Então a senhora acha que agora com a associação pode, é, também ajudar nessa questão de colocar um preço fixo pro produto de vocês porque todas vocês vão estar trabalhando juntas, vai ter também uma repartição justa desses valores, porque como são todas associadas, se vier uma demanda para a associação todas as associadas irão trabalhar e os recursos serão divididos igualmente entre todas, a senhora acha que isso pode acontecer e se isso acontecer a senhora acha que é mais benefício trabalhar pela associação nesse modo, por exemplo: a associação recebeu um pedido de 300 quilos de sarnambi, todas as associadas vão até lá fazer a tiragem do sarnambi; a senhora acha que seria muito mais vantagem trabalhar desse modo pela associação ou de forma individual?

F: É, se (2x) for mesmo, tiver mesmo o comprador mesmo, ali mesmo, vai continuar sim, dar tudo certo, vai crescer mesmo, vai crescer o lugar, porque disse olha na Travosa, ei, aonde é que tem um povoado, porque aqui não é cidade, então a gente pode, pode dizer povoado, assim que eu já vi falar, eu não conheço mas diz que é em Travosa tão tirando sarnambi, pode também ser, eu não tiro ostra, mas eu tenho minha filha ali, a forte ali, que ela tava lá, que tava bem na frente sentada, ela gosta tanto de tirar ostra, ela mais o marido dela tira, ou por si mesmo ela ganha dinheiro ne ostra, agora eu não tiro nem um centavo, nenhum centavo mesmo porque eu me corto logo; então lá tem, vamo comprar, chega (inaudível) nós vamo dar o nosso preço (inaudível) aí elas tem que acompanhar, agora se eu der um preço aí elas não quer aquele preço, elas quer mais, não gente, vamo, é melhor de que nós tirar e não receber, assim não vai pro mato (no sentido de jogar fora), que a gente come, fica, a gente vai, no dia que vai na Primeira Cruz, leva e vende; mas é ruim como eu tô lhe dizendo, então tem da pessoa, tanto aa pessoa ganha, como nós vamo ganhar... vai ser bom pra nós.

I: Entendi, então a senhora que a associação pode ajudar nesse trabalho coletivo?

F: Pode (2x), se nós tiver todas (3x) elas que tavam ali tudo reunida, vai crescer e vai pra frente. Se não tiver a união, não vai; aonde não tem união, esse, vai, cresce, vai pra frente? Não vai. Porque só eu que quero, as outras não quer, ou então as outras quer e eu não quero, como é que pode? Não pode.

I: Certo, dona Fátima, é, vocês já receberam algum auxílio, ou da prefeitura, ou do governo pra ajudar na profissão de vocês, no processo de tiragem de mariscos, receberam algum incentivo financeiro ou de material pra que ajude vocês no processo de tiragem dos mariscos.

F: Nunca! Isso aí ninguém nunca recebeu, nunca (4x), (inaudível), porque o que a gente recebe assim é de Bolsa Família, agora eu já tô também chegando a minha idade né, já tenho 55 anos, já vou fazer 56, então eu já tô correndo atrás dos meus benefícios.

I: Ah, então os auxílios sociais que vocês recebem, só os auxílios que já existem, né?!

F: É, é só isso mesmo.

I: Mas não vem nenhum auxílio diretamente, pras marisqueiras, não tem, né?!

F: Não (3x), aonde, não vem não. Oh, aí ontem mesmo como eu sou, eu não tenho vergonha de dizer uma coisa dessas não, eu disse assim, eu tava assim deitada e disse: “gente, quer saber que hoje vai inaugurar (porque nós tem nos coisa de oração, aí foi convidado então eu disse:) menino, quer saber meu filho (ele tava aqui, tava a esposa dele e eu disse:) minha filha, tu não vai não que tu tá buchudona, tu não vai não, mas se tiver alguma coisa que se interessar lá minha filha, eu mando a menina ligar, botar um áudio aí pra ti ir.”, tá bom, eu disse: “quem sabe se eles não traz qualquer assim pra dar pra gente, assim um... um... uma cesta básica, qualquer coisa, qualquer presentinho serve.”, aí, aí eu convidei a minha vizinha bem aqui e aí ela disse, disse: “olha, já vou, te arruma.”, ela já tava arrumada, ela disse que ia me esperar na casa da mãe dela e me esperou memo, me arrumei e fui, fui embora, aí nós fomo; mas foi muito bom, foi muito bom, nós comemo muito bolo mesmo, bastante era mesmo pra nós mesmo, lá a Aline nem ligou pra nada, assim, nós comemo mesmo aí, tomemo refrigerante, então não tem o que dizer, ali foi uma alegria pra nós.

I: Ah, certo. Então tudo que aconteceu ontem na inauguração foi bom né?!

F: Foi bom (3x), eu espero que seja todo tempo bom, não que seja de ruim não.

I: A senhora conhece a professora Mônica?



F: Não, eu ainda não conheço, só minha filha porque já foi na casa dela, amou, ela disse se ela não tivesse o companheiro dela, ela disse que ela não tinha vindo não, ela tinha ficado, ela disse: “mãe, eu amei, amei de mais mamãe, amei mesmo.”, o outro também que chama Davi (I: ah, o Davi, professor Davi), isso, muito amigo dela (inaudível).

I: A senhora fala quando ela foi pra um evento que teve lá na...em São Luís, né?

F: São Luís, eu tava ne Primeira Cruz.

I: Ah, sim. Eu também estava nesse evento (F: foi?) – sim, sim, eu conheci sua filha lá.

F: Pois é, Jaqueline.

I: Certo, é porque professora Mônica, ela tem um projeto que ela realiza aqui junto com as marisqueiras, eu queria saber se a senhora fazia parte desse projeto também que ela realiza com as marisqueiras ?

F: Se eu quero fazer parte, né?

I: Não, se a senhora já faz parte desse projeto?

F: É, já.

I: Que a professora Mônica realizou com as marisqueiras.

F: Isso, hehein, é que tudo ela já me falou, a minha menina, minha filha (inaudível), ela falou de mim já pra ela (inaudível).

I: Ah, certo. Então, é, pelo que a senhora me pontuou aqui, as maiores dificuldades que a senhora enquanto marisqueira, que a senhora me falou da sua experiência, é o processo de tiragem física dos mariscos porque corre risco de machucar (F: é, corre), e também o de escoamento do produto, né, pra vender esse produto, tirar ele daqui de Travosa, a senhora também disse que é um dos problemas porque não tem comprador fixo (F: não tem (4x).) e também não tem transporte (F: não tem também) que vocês possam levar esse produto que vocês tiram aqui. A senhora já (2X) alguma vez ficou doente ou pegou alguma doença no processo de tiragem lá dos mariscos, alguma doença ou de pele, se ser esses machucados que a senhora me relatou anteriormente, mas alguma doença mesmo lá?

F: Ah, eu sei, assim de que... assim, quase assim porque a maré oh, porque a... esse maré anda porco, né, as vezes ali tem coisa de micróbio de porco, as vezes também eu já peguei uma bactéria uma vez... esse, agora que já tô bem melhor mesmo, que eu tô usando um creme e miha

filha comprou lá na Primeira Cruz e fiquei boa, mas foi na maré, de pele, que rachou, rachou os meus pés aqui (mostra o pé), isso aqui coçava, agora não, agora à Deus depois desse creme, hehein, mas tudo da maré. Então, se esse daí, se fosse coisa assim, (I: tivessem os equipamentos?), isso, a gente tem que andar, a gente tem que ter, pra quando a gente chegar da maré, tomar um banho... e usar né, passar ou tomar, hehein, é isso.

I: Então vocês também correm riscos de contrair doenças.

F: Corre, corre risco e mesmo a gente mesmo como a gente é mulher, a gente é, você sabe, você conhece, hehein, oh mulher, parte fina (referência a genitália feminina), a gente se sentar naquele... naquele vapor quando a maré mesmo é de meio-dia pra tarde, da de 12h pra 13h, chega a gente olha assim, chega tá dando toda cor e a gente se senta na lama daquela, aquilo ali dá um câncer na gente, que Deus defenda, que nunca há de dar, a gente vai morrer, morrer mesmo, porque a gente não vai ter cura por causa que aquela lama faz muito mal, ainda mais essas outras que nunca... ainda menstrua ainda, isso aí é uma coisa que a gente não vergonha de contar, isso daí a gente tem que se sentar e vim falar e a gente falar, não é mesmo? Então, é muito calor, então a gente tem que ter, tá mesmo bem, toda vestida mesmo, calça mesmo, porque assim só short, não, short sempre as perna da gente fica assim pegando na lama, uma hora tem algum micróbio e a calça não, calça vestiu, botou, veste uma blusa por baixo e coloca a outra aqui e a gente tá assim... ter alguma coisa que passasse no rosto da gente, porque...

I: Protetor solar a senhora fala?

F: Isso, tudo, tudo. Ali, olha, ali, ali não foi conversado essas coisas não, não foi? Isso aí tudo, se eu fosse (2x) entrar lá como eu queria, que ela tava pedindo, que era pra gente falar, não era? Eu tinha dito, aí tinha sido mais, aí eu acho que ia bater muita palma.

I: Ah, sim. Mas essas coisas, a senhora pode colocar depois, né, que agora como vocês tão associadas vai ter reunião da associação.

F: Pois é, é, ainda vai ter reunião de novo (I: eu vou colocar aqui também), é, pode colocar porque tem que ter mesmo, gente, isso aí.

I: Certo, porque realmente a profissão que vocês exercem ela é muito tanto pra manutenção, porque como já foi dito ontem, as comunidades, elas que ajudam na preservação do meio ambiente, mas a gente tem que preservar também quem as comunidades, então a gente tem que discutir essas questões mesmo, como a senhora falou né, o risco de doenças, o risco de infecção

porque ninguém sabe, vai que a senhora é alérgica a alguns desses... camarão, alguma coisa, se a senhora e ele tivesse picado poderia ter ficado muito mais sério do que ficou.

F: Isso, ou ter perdido mesmo até o dedo, Deus defenda até a mão, não era?

I: Exatamente!

F: Então, aí a gente, certo ali (inaudível), como é que eu quero dizer? A gente, é tipo assim que nem a gente tá pagando um órgão? Tá. Então, olha, você adoeceu, então você é de 3 meses ou de 6 meses... como é seus dados, me dê tudinho, aí já vem olha, é tanto... “seis mês pra você” ou antes, mas 5 mês já serviu aquilo dali; a gente já tá doente mas agente tá recebendo, mesmo que, não é?

I: Então no caso, a senhora tá falando, pagando corretamente a associação e caso algum desses acidentes a associação ajudar no custeio das suas despesas porque a senhora vai tá de... (F: de ir lá, como eu tô doente), de ir fazer a tiragem?

F: Então isso aí gente, isso aí, se eu ou a pessoa mesmo for mesmo pra dizer, ali não saiu nada disso aí; gente, oh, a gente tem que falar mesmo, não tem que ter vergonha não, a gente falar bonitinho, hehein, olha, é desse jeito, desse outro, se no caso a gente se machucar, se ferir, passar o mês, mas durante aquele mês que agente não puder ir, aí oh, agora tá fácil, de primeira era ruim mas tem Pix, então bora botar isso aqui pra ela até ela se recuperar, “como é que você já tá meu bem, você já tá, já tá bem melhor já?”, “já tô já boa”, aí oh, mas é assim, mas aí acho que sei lá. Aí quando é bem no fim, aí vamo falar lá por de trás? Não gente, assim não dá não, é bom a gente falar mesmo, ter vergonha de falar não que a gente é mulher mesmo, a gente sabe, todo homem conhece mulher; isso aí é bom a maré, tirar sarnambi é bom, mas também pela outra parte também, aí muitas que não vai porque entrou naqueles dias, né, aí só quando ficar boa, passar, ficou hoje, mas tem mais 5 dia, pra mesmo, sem pisar na maré, pra ir de novo. Então a gente não tem que ter vergonha de falar isso aí não.

I: Certo, dona Fátima, é, a senhora vai todos os dias fazer a tiragem dos mariscos?

F: É, todo dia, quando eu tiro mesmo (inaudível) eu vou pra maré mesmo é todo dia (5x), no dia que eu falo assim: “hoje eu não vou”, oh mas pra mim naquela hora já ficou ruim, porque a gente já pega aquele coisa mesmo (inaudível), (I: já tem o habito, né?), eu vou tirar, hehein, aí é minha geladeirinha é pequenininha, o congeladorzinho é miudinho, aí já se eu for só botar nela, ela cabe uns 10 quilos, mas se eu for botar nela eu vou comer um peixe assim mole, eu vou beber uma água meia quente, aí não dá, não tem como (inaudível).

I: Ah, então a associação pode até ser benéfica nessa questão, porque lá já vai ter os freezers pra armazenar.

F: É, isso. Lá como já tá lá, ali já ficou perto ali, a gente vai trabalhar ali, já trabalhou? Aí depois a gente vai tomo mundo, vai todo mundo limpar o tacho, quem alimpa uma tampa limpa, outro já lava... já vai limpar mesa, outro já vai lavar as cadeiras, é assim: terminou nós deixa tudo limpinho, tudo coisadinho, enxuga, porque não pode ficar que nem ali, nós chegemo já tava todo mundo sentado, não pode ficar cadeira do lado de fora, então vamo enxugar tudinho; aí tem que ter uma pessoa com a chave, né, pessoa dali “oh, tá aqui meu amor, tá tudinho guardadinho, tá aqui a chave.”, é assim, se for assim, que nem eu tô lhe dizendo, vai, mas se não for... tudo bonitinho lá (risos).

I: Então dona Fátima, eu agradeço a sua, a sua colaboração, a sua entrevista, por compartilhar sua experiência comigo também, eu fico muito grato, certo?! Eu desejo do fundo do meu coração que vocês tenham sucesso, que a profissão de vocês seja mais valorizada, que o produto de vocês alcance muito mais pessoas do que já alcança, que vocês consigam escoar esse produto da forma que vocês querem, que vocês também consigam, é... ter mais segurança dentro da profissão de vocês, eu agradeço muito a sua contribuição.

F: Eu também lhe agradeço também, primeiramente à Deus, né, e você, que Deus lhe (2x), aonde você botar as suas plantas pé, Deus tá com você, que Deus dê uma boa viagem e mais coisa você vai também ajudar trazer aqui para nós.

I: Certo.

F: Lá com a doutora Mônica, com o seu Davi e mais aquela outra moça, como é o nome dela, aquelas duas que tava ontem?

I: A dona Cida e a dona Margot.

F: Isso, hehein. Então que Deus abençoe sua viagem, suas caminhada, não vai ficar assim que Deus tá no controle da sua vida.

I: Certo, eu agradeço as suas palavras, fico muito agradecido e no que eu puder tá ajudando, eu vou ajudar aqui também, seja com a pesquisa, seja com é... a coleta de dados pra fazer coisas que possam ser feita pra vocês, eu vou tá dando o meu melhor, certo?! Então muito obrigado.

## APÊNDICE 2

SEBASTIANA (23/05/2023)

I: IAN KAUE (entrevistador)

S: SEBASTIANA (entrevistada)

I: Bom dia, poderia me informar seu nome completo por gentileza?

S: Maria Sebastiana Sales.

I: Maria Sebastiana Sales?

S: É.

I: Qual a sua idade, dona Maria?

S: 56 anos.

I: Certo, e qual a sua profissão?

S: Marisqueira (risos).

I: Há quanto tempo a senhora é marisqueira?

S: Desde quando eu... eu passei a ser mulher, mãe de família, eu já venho essa profissão. Mais ou menos eu (2x) me casei 22 anos, nessa idade.

I: Mais ali, quase 30 anos, né?!

I: A senhora herdou esse ofício de alguém, mãe, avó?

S: Não (4x), foi herança não (risos) porque quando a gente... quando a gente chegamos aqui a gente já achou esse... as pessoas já tinham esse ramo, aí a gente acompanhou, só que a minha mãe não era marisqueira, minha era lavradora.

I: A senhora é daqui de Travosa?

S: Sou, sou, moro aqui há mais de 40 anos.

I: A senhora não nasceu aqui?

S: Não, não, nasci em ponta verde.

I: Ah, sim. Então quando a senhora chegou aqui, a senhora viu a profissão...?

S: Sim, aí eu acompanhei as outras pessoas e as que eram acostumada foram morrendo e aí foi ficando os novo, e a gente foi dando continuidade.

I: Certo, e quantas vezes assim por dia, ou por semana a senhora costuma ir fazer a tiragem dos mariscos?

S: Quando a maré tá própria, tá boa, assim, digamos, boa assim porque dá pela manhã a gente vai 7 horas, aí a gente acostuma a ir 3, até 3 vezes na semana.

I: Certo. Isso depende também do horário em que a maré tá...? (referência ao horário em que a maré baixa)

S: Isso, isso porque a partir de 11 hora a gente já não, já não vai porque é muito quente.

I: Certo, e mais tarde assim por volta das 16, 17 horas também não vão?

S: Não, não porque aí já entra pela noite e aí fica ruim da gente ficar transportando e naquela luta.

I: Ah, sim, porque trazem da maré, traz pra casa, não tem onde armazenar lá perto?

S: Isso, é. Não, não. E aí esse que é o problema da gente, assim pela tarde a gente quase não...

I: Então depende muito da maré se ela tá seca pela manhã?

S: É, pela manhã, é muito da gente trabalhar pela manhã.

I: Então a senhora costuma ir quando a maré tá baixa, quando a maré tá baixa pelo horário da manhã a senhora costuma ir umas 3 vezes na semana?

S: 3 vezes na semana, é.

I: E como a senhora faz a venda desse produto, tem alguém que a senhora venda ou a senhora tira esse produto por encomenda, tem algum comprador fixo?

S: Não, fixo não tem, porque assim, a gente tira, tem um rapaz ali em Santo Amaro, João Batista, ele é meu primo, João Batista, ali; ele tem uma sobrinha, então tá com mais de 3 anos que agente faz essa entrega pra ela, Elidiane, a gente faz essa entrega pra ela; tem aqui em Ribamar também outro rapaz, que meu marido pesca, aí ele liga: “olha, tantos quilos de sarnambi.”, aí eu reúno

com as minhas colega, as minhas amiga, aí eu reúno: “olha criança tô precisando de tantos quilo, tá o tempo assim, assim.”, aí a gente arruma e manda.

I: Mas é só então por encomenda?

S: É, isso. A gente não tem um comprador pra dizer assim: “vamo tirar e vamo entregar.”.

I: Tipo, não tem aquele comprador que fala assim: “olha, todo sábado vocês mandam tanto.”?

S: Sim, não tem, não tem. Como aqui chegou uma, teve aqui uma gestão, que aí o inverno é muito grande, muita água, não tem como a gente transportar, só o meu marido que leva de barco, pra Ribamar; aí quando teve aqui uma, umas 3 vezes a gente teve essa dificuldade assim, porque arranjou produto, 500 e poucos quilos, a gente foi entregar em Humberto de Campos, mas aí é muito (3x) ruim, gasta muito.

I: A questão do transporte, não ter transporte também é ruim.

S: Não tem transporte é muito ruim, assim, por essa parte.

I: Então, quais seriam as maiores dificuldades que a senhora enquanto marisqueira enfrenta dentro da sua profissão? Qual é a coisa que tem mais dificuldade? É a venda do produto, é o transporte, é a tiragem em si?

S: A tiragem porque a gente tem que pagar, tem um rapaz aqui que ele bota pra gente. Vem de lá, ele bota quando a gente tem uma canoa, a gente traz bota bem ali, aí ele transporta pra gente, a gente tem que pagar.

I: Ah, então vocês têm que pagar alguém pra trazer da maré até aqui?

S: Isso. Aí quando a gente... ele não se encontra no momento, não tem quem bote pra gente, a gente deixa de ir, porque ela é muito pesada pra gente carregar.

I: A Maioria das marisqueiras são mulheres, né?”

S: É, mulher e aí a gente não quer enfrentar essa dificuldade, é muito ruim, aí a gente paga o rapaz pra botar pra gente... de lá pra cá, pra maré.

I: A senhora já chegou a se machucar, contrair algum tipo de doença dentro do processo de tiragem do marisco?

S: Graças à Deus que não, porque a gente evita assim, como sol muito quente por causa da dor, a gente pega muito sol.

I: Mas nunca chegou a se machucar?

S: Não (3x), graças à Deus que não.

I: a senhora usa algum tipo de equipamento de proteção pra fazer... luva, chapéu, roupa manga comprida?

S: As vezes a gente usa o chapéu né, mas aí o sol quente, a gente usa um negocinho que a gente cava assim pra tirar ele, a gente não, não mete a mão porque aquilo ali tem lugar que fere a gente né, a gente usa um negocinho assim com uns prego, aí a gente tira, jogou dentro daquela cestinha e lavou.

I: Certo, é, qual é a outra dificuldade que a senhora enquanto marisqueira enfrenta? É realmente a questão do escoamento do produto, da vendagem do produto de vocês?

S: Acho que sim, é.

I: Porque em contato com outras marisqueiras, elas me falaram que essa questão de vender o produto como não tem o comprador fixo, trabalha por conta de encomenda, as vezes não tem um comprador fixo que possa comprar toda semana, então essa venda do produto de vocês é o que pode acabar atrapalhando?

S: É (2x) porque é o único assim, que a gente tem pra ajudar o marido como todo mundo sabe aqui a maioria são pescadores, aí a gente não tem nada que fazer porque é um interior, já sabe, tudo é difícil, aí não tem como a gente ajudar então a gente já vai maré já, aquele dinheiro a gente já faz alguma coisa, a gente já ajuda em alguma coisa em casa e as vezes a gente não tem como a gente entregar esse produto, as vezes fica no congelador dias e dias esperando, aí as outras ficam ligando pra gente: “ei, quando vai que vai ter uma entrega, quando é que vai ter uma entrega .”, aí a gente fica: “mas meu Deus, todo mundo precisando daquilo ali e aí”, e as vezes naquele pior momento que a gente tá ali: “ei, cadê, quando é que vem pedido e tal?”, aí sem demora a mulher liga: “olha, quero tantos quilos, 300 quilos, 500 quilos.”, a gente já entregou até de 600 quilos.

I: Então vocês ficam esperando as pessoas entrarem em contato?

S: É, esperando, que é pra gente vender.

I: Aí não tem aquela segurança de...?



S: Não, a gente não temos a segurança, assim, porque era muito bom, eu acho assim, era muito bom pra gente se a gente trabalhasse, pelo menos se não fosse de 15 em 15 dias, pelo menos de um mês ao outro, “tal tempo no mês vamo entregar 200 quilos”, aí pega 5 quilos de uma, 10 de outra, 15 de outra aí aquilo ali já é uma ajuda, a pessoa já fica muito feliz com aquilo ali, né (risos), a gente fica feliz com aquilo ali porque a gente tá vendendo.

I: Então ajudaria muito se tivesse um comprador fixo?

S: Ah, muito (3x), oh a gente ia agradecer muito à Deus se tivesse essa benção (risos), a gente ter onde a gente entrega, pois é. Aqui teve uma, uma, mais ou menos tá com 6 meses, a gente ia buscar ele, a gente saia daqui 4 hora, 2 horas de viagem, motor, aí a gente se reunia, aí a canoa que meu marido pesca ela é grande né, pescado, esses peixes grande, aí a gente: “meu Deus quando é que ele chega pra gente ir lá?”, aí a gente se reunia, até de 20 pessoas a gente ia, aí: “quando é que a gente vai lá?”, aí a gente ia, lá tinha pessoas que tirava de 6 saco, desses saco cheio, porque lá tinha de mais, mas acabou, porque lá também assim entra água doce e mata ele, a areia do morro também, ela bateu ela mata ele, onde tem ele mata, ela mata porque eles não acostumam essa areia branca, aí mata ele. Era muito bom pra gente ir, só que a gente saia 7 horas da manhã e chegada 4 da tarde, porque a gente ia na altona de vazante e vinha na maré altona de enchente.

I: Onde é que fica esse lugar que a senhora falou?

S: Ali pro lado do Mairi, na croa do Xaréu.

I: Ah, então a senhora junto com outras pessoas, iam pra essa croa?

S: A gente ia era muita, muita, a gente ia era muita gente, aí.

I: Mais ou menos quanto tempo realmente mesmo, 6 meses atrás que a senhora disse?

S: É, é isso.

I: Então senhora disse que esse, o marisco lá ele acabou?

S: Acabou, acabou lá, devido a gente tirando e também a água doce, quando ela entra muito, inverno muito grande, a água doce mata ele. Aí terminou lá e ficou aqui, aqui tem, nessa nossa... nessa nossa prainha aqui (risos), tem.

I: A senhora já recebeu algum tipo de ajuda ou incentivo da prefeitura, do governo do estado por ser marisqueira, nunca recebeu nenhum tipo de benefício?

S: Nunca, nunca. Só que aqui vem muita gente, muita (4x), sobre isso eles pede, eles filma aí, agora há pouco tempo veio um rapaz de São Paulo, ele perguntou essas mesmas perguntas que você tá me perguntando; não, até agora não, só se, se Deus ainda vai abençoar, que ainda vai chegar né, mas até agora não.

I: a senhora conhece a professora Mônica, a senhora já teve contato com ela?

S: Não.

I: que faz um projeto aqui com as marisqueiras?

S: Não, não conheço, não sei quem é, não sei quem é não.

I: Ela faz um projeto com as marisqueiras e com os pescadores também, queria saber se a senhora já tinha tido contado com esse projeto.

S: Não.

I: Ah, certo. A senhora falou sobre essa questão do... daquela croa que a senhora falou, lá pro lado de Mairi que acabou, a senhora acha que corre risco de acabar por aqui, nessa prainha de vocês como a senhora acabou de mencionar, a senhora acha que corre risco de acabar o marisco?

S: Sim! Teve aqui uma época que eu não tô lembrada muito bem, mas acabou aqui pra gente, não tinha, aí sempre as meninas falando: “ô criança acabou, fazer o quê? Isso é coisa de Deus.” Sempre a gente falava, mas aí quando, logo, logo, ali surgiu do nada porque ele fica naqueles correço, você pode olhar, naquele córrego ali que corre a maré quando a maré seca, você pode sentar, tem uma areia branca, você pode sentar e ficar olhando assim, é igualmente um pó de... de farinha seca na água, ele se gerando.

I: Então ele é um recurso renovável, então; ele acaba, mas ele volta?

S: Sim, mas logo, logo ele volta e é rápido ele desenvolve.

I: Ah, sim. E aqui nunca foi realizado nenhum tipo de palestra ou algo do tipo que orientasse vocês sobre essa questão de... da importância de preservar pra fazer (S: pra não terminar), pra não acabar (S: isso, não) , pra fazer a manutenção do produto, do marisco, nunca foi feito nada desse tipo?

S: Aqui um tempo atrás andou um rapaz que ele quer... ele queria fazer assim um viveiro, um criador, viveiro, não sei como é que diz, pra ostra, mas aí eu acho que terminou, ele num... ele

veio, vieram duas vezes, aí não vieram mais, porque a ostra também ela morre com a água doce, já deu de mais aí, mas morre.

I: A senhora acha que é importante a conscientização de todas as marisqueiras pra que... terem a consciência de que o produto ele pode acabar, tem que usar com responsabilidade pra que esse produto não venha acabar, porque mesmo com todas as dificuldades o que é visível aqui é que grande parte da comunidade de Travosa sobrevive por conta da tirada de mariscos, não é?

S: É isso (2x).

I: Então a senhora acha que é importante essa conscientização de que tem que cuidar pra que esse recurso não acabe, pra que ele não venha faltar e vocês terem que se descolar daqui pra outro lugar?

S: Ah, sem dúvida. Isso é muito importante, é muito bom.

I: E não existe nenhum tipo de política ou nada desse tipo que conscientize vocês, nunca teve?

S: Nada, não.

I: A senhora nunca teve experiência com esse tipo de... projeto?

S: Não.

I: Realizado pelo ICMbio ou pela prefeitura, nada né?

S: Nada.

I: Então no seu ponto de vista é importante que tenha?

S: É muita. Ah era muito importante isso, muito importante. Agora faz que nem assim, a gente tira mas a gente assim, as meninas fala diz assim: “ei tu é... não, somo clandestina, nós somo aí por conta do atoa.”, mas não tem assim, assim eu acho assim que tudo tem ali o seu, o seu limite certo, tudo é no pontinho certo; nós não, nós aí é pela nossa conta, se achar comprador vende, se não achar não vende, mas a gente não tem assim uma pessoa que se interesse pela gente, pra entregar o produto da gente lá na frente, a se, se a gente a gente própria se...

I: Organize, vocês mesmo se organizam?

S: A gente mesmo se organiza, e a gente, eu através do meu marido a gente tem uns conhecimento de pessoas lá que entrega pra Mateus, que assim, faz a entrega do produto; e aí quando a gente pensa que não eles ligam: “oi, tem isso assim, assim...”, “a gente vai dar um

jeito aqui,”, aí eu falo ali com as menina, é rapidinho, a gente consegue aquele tanto ali daquele produto, pra enviar, mas não que a gente tenha assim uma pessoa mesmo...

I: Que faça a instrução de vocês?

S: Isso, sim, não temos.

I: Então essa organização de vocês é feita de forma, digamos que artesanal porque é vocês que fazem (S: é, é isso), são as próprias marisqueiras que se organizam, fazem a retirada, pegam o produto e também é... são vocês que fazem essa questão de conseguir o transporte pra levar?

S: Huhum, é isso.

I: Então é tudo, é... o processo de tiragem, é de tirar da concha, de embalar e de distribuir, é tudo por conta de vocês?

S: Tudo por conta da gente é, por conta da gente.

I: Ah, certo.

S: Umas vai ajudando as outras, se uma precisa de uma embalagem que não tem a outra já arruma, se uma tá aperreada pra terminar a outra chega já ajuda, é assim, é dessa forma, umas ajudando as outras.

I: É, então, quando eu cheguei ontem aqui, eu cheguei e coincidi de chegar junto com a inauguração da Associação das Marisqueiras, a senhora é associada, já se associou, pensa em se associar ou não pensa em se associar?

S: Não.

I: O motivo é porquê a senhora acha que não...?

S: Aquilo ali não vai em frente não meu amigo. Como é seu nome?

I: Ian.

S: Ian. Aquilo ali não vai em frente não, ali tá faltando muita coisa, muita coisa mesmo, porque sinceramente a gente aqui, a gente luta com ele mas a gente precisa, aqui tem um rapaz que a gente paga pra ele pegar lenha bem aculá, madeira seca, quando não é tem uma irmã lá que ela fala com uns rapaz que tem o carro pra transportar a lenha lá de fora pra cá, a gente precisa de um tacho, a gente precisa de um bloco pra bater, a gente precisa de muitas ali; a água principalmente ali porque ele (o sarnambi) passa ali por muitos procedimentos ali, a gente lavar

ele todinho, a gente tem que botar ele pra sair, pra escorrer aquela água todinha pra gente poder pesar ele todinho porque se botar ele molhadinho, lavando e pesando ele fica muito feio de jeito, fica aquela água todinha, a gente tem que deixar mais ou menos uns 20 minuto, ele escorrer todinho, mas ali falta muita coisa ali pra começar trabalhar ali.

I: Certo. Então caso...

S: E ali é muito pequenininho.

I: Certo. Então caso futuramente se a associação se desenvolver com todas essas coisas que a senhora tá falando que precisa, a senhora se associaria? Se houvesse o caso, assim, do desenvolvimento da associação porque pelo que a senhora me falou, essa questão de organização, que vocês mesmo se organizam entre vocês, numa associação quando a gente tem visão de uma associação a gente pensa nessa questão de organização, de uma organização já formada, tudo mais. Então caso, no futuro, se a associação tiver toda essa estrutura que a senhora acha que precisa ter pra que vocês consigam realizar o trabalho de vocês, a senhora chegaria a se associar, se caso houvesse essa estrutura que a senhora julga ser necessária?

S: Eu acho que sim, acho que sim.

I: Porque a gente... pelo que eu já percebi aqui, a maior dificuldade também realmente é essa questão de que muitas marisqueiras, elas não vão todos os dias porque elas não tem pra quem vender o produto...

S: É.

I: Então, é, precisa de parcerias e tudo mais, pra que todas as marisqueiras tenham a quantidade certa de produto, de um parceiro, pra que ele venha comprar esse produto, certo?

S: É verdade, como já chegou ocasião aqui que vem um pedido de São José de Ribamar ali, aí ligaram pra meu marido: “olha, traz uns 300 quilos de sarnambi, pra mim.”, o rapaz que tem lá, aí agora não tem o sarnambi, como é que vai fazer? Aí eu falei com as minhas colega: “criança, olha, o rapaz pediu lá uma quantia de sarnambi, que que a gente... a gente vamo lá.”, a gente vai lá na ilha que eu lhe falei, aí o quê que faz? Meu marido pegou a canoa, deixou de, de sair pra pescar dele né, que ele ia pescar, quando ele entrasse que ele ia levar o produto, pra levar todo mundo lá pra tirar esse sarnambi, aí levou todo mundo; aí quando elas chegam, que o motor dele é grande, muito grande o motor aí gasta muito óleo, aí: “ê Pedro, quanto é aí?”, “né nada não, é tirar o sarnambi que eu recebo da mão de vocês, quero só que vocês tirem o sarnambi pro rapaz.”, elas ficaram muito satisfeitas porque elas não iam ajudar no óleo, em coisa e tal

assim. Chegou ser ocasião dele fazer muitas vezes isso: levar as pessoa pra tirar, pra gente mesmo transportar o sarnambi, porque no momento a gente não tinha o tanto que era a entrega.

I: Certo, então essa questão tanto do transporte né, pra transportar o produto pra vocês, até pra vocês se deslocarem até as croas... é o nome correto é croa?

S: É. (risos)

I: Até as croas, depois pegar esse produto, trazer até a residência de vocês, depois da residência transportar pra outro lugar, então essa questão do transporte acaba também dificultando.

S: É.

I: A senhora acha que se a senhora tivesse toda essa estrutura do transporte, é, a senhora e as outras marisqueiras que trabalham junto com a senhora, porque pelo que eu já verifiquei é realmente uma questão de comunidade, vocês se ajudam, a senhora acha que se vocês tivessem toda essa estrutura vocês conseguiriam vender melhor o produto de vocês?

S: Sem dúvida, sem dúvida.

I: Certo. Então dona Sebastiana, eu agradeço muito a sua cooperação, a sua ajuda...

S: Também lhe agradeço de mais.

I: Eu fico muito feliz que a senhora tenha cedido essa entrevista pra mim, foi muito importante.

S: Também fiquei feliz em procurar a gente pra conversar, muito feliz. Então você a hora que quiser voltar, estamos aqui.

I: Certo (risos), talvez eu volte um pouco mais pra frente né, pra saber como é que tão as coisas, se tá tudo se encaminhando. Então mais uma vez eu agradeço, espero que a senhora tenha uma boa tarde e uma boa semana também, ok?! Muito obrigado.

## APÊNDICE 3

DONA APARECIDA (24/05/2023)

I: IAN KAUE (entrevistador)

A: APARECIDA (entrevistada)

I: Bom dia!

A: Bom dia!

I: Seu nome completo por gentileza?

A: Maria Aparecida Marques da Conceição.

I: Certo. A senhora é marisqueira há quanto tempo dona Aparecida?

A: Eu acho que tá com uns 10 anos.

I: Uns 10 anos? Esse ofício a senhora herdou de alguém ou a senhora aprendeu por conta própria?

A: Por conta própria mesmo.

I: A senhora me diria, é... qual seria a maior dificuldade que senhora encontra dentro da profissão de marisqueira?

A: Assim, porque a gente não pra quem venda.

I: Então o maior desafio que você tem, é realmente essa questão de vender o marisco que vocês tiram, certo?

A: É. Certo.

I: Além desse problema da venda do marisco, existe algum outro que a senhora acha que possa ter dentro da sua profissão?

A: Não, porque tem o sururu e tem a ostra, mas isso aí é raro a gente tirar, o que a gente tira mesmo é só mesmo o sarnambi.

I: Ah, certo. Eu já falei com algumas outras marisqueiras e elas também me relataram esse problema, eu também fiquei sabendo que a senhora é a segunda presidente da Associação das

Marisqueiras, certo?! A senhora... a senhora crê que com a criação dessa associação, eu sei que nem todas as marisqueiras aqui de Travosa são associadas, mas a senhora vê, a senhora consegue enxergar no futuro que com a criação da associação, a associação indo bem, a senhora acha que vocês terão pra quem vender o produto de vocês? Quais são as suas expectativas pra Associação das Marisqueiras aqui de Travosa?

A: É, como eu tô te falando, a gente não têm como a gente vender, pra quem, aí se a gente fundar mesmo essa associação quem sabe que não vem um de fora, vem comprar nosso material?

I: Certo. A senhora já chegou a se machucar ou teve alguma doença que a senhora contraiu por conta do ofício de tirar os mariscos?

A: Tenho sim. Eu adoeci minha coluna, hoje eu vivo através de remédio, quer ver eu vou pegar aqui a receita pra mim lhe mostrar.

I: Ok.

(Dona Aparecida sai para buscar a receita do medicamento)

A: Como ela é controlada, ela é azul, mas tá aqui no fundo da bolsa porque eu não posso comprar. Então, eu não sentia nada, mas depois que eu peguei, tirar o sarnambi, de tanto eu carregar o balde porque pesa muito, eu adoeci a minha coluna, hoje eu quase não posso andar, tendeu? Me trava as minhas perna.

I: Então a senhora adquiriu problema na coluna depois que começou esse ofício de sarnambi?

A: Já fiz o... os exame deu problema na minha coluna, tendeu? Então raro eu tiro porque eu tenho uma filha especial, ela tem o dinheirinho dela, mas esse não dá pra mim me manter, por quê? Porque eu compro os medicamento dela, eu compro a massa dela, é uma criança totalmente que, assim, eu não posso deixar com todo mundo, então eu não posso trabalhar; as vezes eu dou um pulo na maré rapidinho tiro um saco, dois saco e trago pra cá e ainda pago pra carregar da maré até aqui.

I: Esse também seria um dos problemas, a questão do transporte do produto?

A: Isso! Justamente, porque a gente para é 10 reais, um saco, então 2 sacos de sarnambi são 20 reais; aí a gente tira e fica ali esperando pra quem a gente vai vender, pra tirar o dinheiro que a gente pagou.



I: A senhora poderia me dizer como é feito o processo desde a tiragem até o momento que é embalado pra vender?

A: Como assim?

I: É o , todo o processo que é feito, a senhora vai, quando a maré tá baixa a senhora vai lá na maré (A: isso, isso,), tira o sarnambi; qual é o processo por completo que é feito, a senhora vai lá, tira, eu já vi que lava, depois ensaca, muitas trazem pra sua própria residência que é afastada lá da maré (A: isso), depois que fazem o o processo de cozinhar o sarnambi pra depois tirar a favada concha.

A: Sim, é isso aí. Então a gente tira da concha né, aí depois a gente vai lavar, a gente vai pesar, aí vai ensacar o produto. Tudo é dificultoso pra gente, aí muita delas hoje vive tudo porque a gente não tem um serviço fixo, sem ser esse.

I: Certo. E a senhora enquanto marisqueira, a senhora já recebeu algum tipo de ajuda, benefício da prefeitura, do governo do estado por conta da sua profissão?

A: Nada, nada. Eu fiz uma pericia aí desse problema da minha coluna e até agora nada, não passei, aí tá pela mão de advogado, tendeu? E eu espero, tá mais de quê? Tá mais de ano eu esperando, aí pra mim dormir eu dopada de remédio pra mim poder dormir; tá aqui ó os defeito das minha mão, tendeu? Isso aqui me dói de mais, tem dia que eu esqueço das coisas, quebra, tendeu? Então eu vivo na, na... manter nesse, nesse serviço porque eu também quero acolher minhas amiga, tendeu? Porque é uma coisa muito difícil.

I: Então além do problema da coluna a senhora me apontou que também desenvolveu problemas nos punhos?

A: É, aqui ó, minhas mãos, isso. Isso aqui eu não tenho quase firmeza nos meus braços.

I: Então tudo isso foi oriundo da profissão de marisqueira?

A: Da profissão de marisqueira. Eu não recebo, eu recebia minha Bolsa Família aí por causa do problema da minha filha, do dinheirinho que ela recebe... o que é 1000 reais pra uma criança do jeito que ela é?

I: Então a senhora encontra na profissão de marisqueira o complemento pra sua renda?

A: Isso. Eu não recebo nada, até minha Bolsa Família que eu recebia ó, cortaram; isso aí era uma ajuda pra mim porque ela tinha o dela e eu tinha o meu, mas como eu sou a tutora dela né, aí foi cortado.

I: A senhora pode me dizer é... a senhora já disse do problema na coluna, do problema dos seus punhos, mas a senhora já adquiriu alguma outra doença porque pelo que me foi constatado vocês têm contato direto com a lama e lá também tem criação de animais, porcos e algumas coisas (A: isso), a senhora já contraiu alguma outra doença lá?

A: Não, sobre isso aí não, agora o que me apresentou foi a diabete, eu fiz um exame agora semana retrasada e deu, deu né, aí tem dia que eu fico tonta aí aquilo ali vai me entontecendo entendeu? Aí eu, num é todo remédio que eu posso tomar. Amanhã mesmo vem medico praí, aí eu corro pra lá.

I: Então todos esses problemas de saúde impedem a senhora de...

A: Impede de eu voltar a fazer meu serviço novamente, porque elas lá, da associação, eles queriam me entregar a chave, então eu tenho essa filha do jeito que é, qualquer hora eu posso viajar com ela, e aí? Eu vou deixar a chave com quem? Porque isso é uma responsabilidade muito grande né, então eu acho que eu não vou querer ainda assim a chave.

I: Eu pude visitar as instalações da associação e ela fica bem próxima de onde vocês fazem a tiragem do sarnambi.

A: Isso (2x).

I: A senhora acha que é... porque a senhora me informou que esse problema de trazer o material lá da maré até a sua residência impacta muito, tanto nos seus problemas de coluna, que a senhora não pode carregar o produto, mas a senhora também te que pagar outras pessoas pra fazerem esse transporte pra senhora; a senhora acha então com a instalação da associação, a senhora como associada e segunda presidente da associação, a senhora acha que isso vai trazer benefício pras outras marisqueiras que são associadas dentro da associação? Porque pelo que eu pude verificar isso é um problema de todas, esse negocio de transportar o produto da maré até a sua casa porque não tem instalações próximas aonde possam fazer a lavagem, tirar da concha, pesar e armazenar. A senhora acha que com a criação da associação agora vai facilitar o trabalho de vocês?

A: Com certeza. Agora o que tá faltando é o seguinte, porque eu não tava na reunião, mas algumas pessoa me falou, porque tem que ter a lenha, né?! Então a gente tem que procurar um

transporte também pra adquiri a lenha pra gente colocar lá. Como nós somos da associação, a gente vai se reunir né, pra ajeitar; nós não tem uma panela, nós não tem ainda uma balança, nós não tem ainda uma... umas bacia pra gente poder lavar o produto, né?! Então tudo isso tá faltando, e a instalação como você tá falando, vai ser ótima porque aí a gente vai aonde a gente trabalhar, tendeu? Porque tá claro né, a gente tem como trabalhar até 19h, 20h, por aí.

I: Trabalhar...

A: Isso.

I: Armazenar.

A: Armazenar, pois é.

I: Então, é, a senhora acha também que a associação pode ajudar nessa questão de vender o produto?

A: Pode, pode sim. A se ajudar a gente vai ser, mesmo que eu não posso trabalhar, mas aí eu vou ficar ajudando também por lá no que eu posso fazer.

I: Pelo que eu verifiquei dona Aparecida, nem todas as marisqueiras aqui de Travosa são associadas na associação, algumas por não quererem, outras por não entenderem como funciona uma associação, mas a senhora acha que a associação depois que ela funcionar, que tiver em pleno funcionamento, ela vai trazer benefícios tanto pras marisqueiras que são associadas, quanto para as que não são associadas? A senhora acha que, porque isso vai trazer visibilidade pros mariscos de Travosa e isso vai beneficiar as marisqueiras aqui de Travosa, a senhora acha que esse benefício vai chegar também nas marisqueiras que não são associadas?

A: Com certeza, com certeza porque nós somos tudo do lugar, aí a gente não vai querer só pra nós, né?! Algumas que não é “não gente vumbora dá um jeitinho, bora voltar pra lá, vamos se associar todo mundo.”, porque é todo mundo um grupo, todo mundo sabe trabalhar, tendeu? Então é isso.

I: Aqui pelo que eu verifiquei grande parte das mulheres são marisqueiras, né?!

A: É só o que a gente faz aqui, não tem outra opção da gente trabalhar, dizer: “não tem outro serviço.”, não é só o marisco.

I: A senhora poderia me dizer como esse ofício de marisqueira lhe ajudou, a parte positiva desse ofício, a senhora já me falou dos problemas que a senhora adquiriu por conta do ofício de marisqueira, a senhora poderia me dizer os benefícios que esse ofício trouxe pra senhora?

A: Já, esse... tinha dia aqui que a gente não tinha nada, tão de repente chegava um filho de Deus e comprava o nosso marisco né, então aquilo ali já era uma alegria pra gente; o dinheirinho na mão da gente, quem que não gosta, né?! (risos), pois é.

I: Então, um complemento de renda pra ajudar sua casa...

A: É!

I: Então a sua profissão de marisqueira ajudou a senhora a sustentar?

A: Me ajudou, me ajudou demais, demais, aí, se eu pudesse voltar a trabalhar novamente, que eu não vou dizer que eu não trabalho, mas se tiver um remédio... que a dor, a dor nas minhas costas, eu sinto muita dor nas minhas costas, tem dia que eu não posso quase nem andar.

I: a senhora acha que esses problemas de saúde também afetam as outras marisqueiras aqui de Travosa?

A: Com certeza, porque olha, pra você vê que aquilo ali é uma lama quente, tendeu? A gente pega aqueles balde pesado, leva pra lá, lava, traz, bota nos saco, então tudo é pesado pra gente, tendeu?

I: Quando a senhora vai fazer a tiragem dos mariscos a senhora utiliza algum tipo de equipamento de proteção, luva, bota ou algo do tipo?

A: Não, só mesmo a calça, manga comprida né, a calça comprida, as manga comprida, um boné, só.

I: Somente?

A: Somente. Porque da vez que dona Margot veio ela deu cada um, uma camisa das marisqueiras, mas faz tempo, se acabou já no sol assa, né?! Aí a gente tem que ter uma equipagem porque ali, como vê ali é porco, ali tem macaco, ali tem tudo, então a gente pode pegar qualquer hora uma micose, e aí? Cadê o dinheiro pra nós se cuidar? Como várias dali muitas dela aí já pegaram alguma frieira, alguma nos braços, na pele; tá tudo difícil.

I: Então a senhora acha também que a associação, não só no papel de armazenar os produtos, fazer a venda dos produtos, a associação também deve dá um jeito de zelar pelas marisqueiras?

A: Isso, isso aí é no primeiro lugar.

I: Com equipamentos de segurança, ajudar na segurança das que ficam doentes?

A: Pois é. Tudo isso a gente precisa porque se a gente adoecer, vamo supor, vamo carregar e de repente a gente cai aí adoecer, com que nós vamo se cuidar? Não tem dinheiro. E aqui como você vê que aqui é um lugar, tudo é difícil, carro tudo é caro, tendeu? Nós tem um posto bem aqui, tem dia que a gente vai lá não tem um medicamento, a não ser quando os médicos vem, uma vacina, mas é uma coisa assim que quando é no inverno fica todo [...], hehein, pois é, e aí assim, aí fica difícil a gente arrumar um carro, uma coisa, tendeu? Aí fica tudo difícil porque carro o mais nada, nada é 200, 300 reais o frete dum carro.

I: Falando nessa questão dos carros, outras marisqueiras já também me falaram dessa questão de dificuldade de transportar o produto que vocês tem, quando vocês recebem uma encomenda é difícil levar, as vezes cobram caro pra levar ou até Primeira Cruz, ou até Santo Amaro, então essa é uma das dificuldades de que vocês também enfrentam aqui?

A: Isso. É 300, as vezes vai até 350, entendeu? O frete de um carro, e as vezes nem chega no ponto, é antes de onde é pra entregar.

I: Então todo lucro que vocês teriam, vocês tem que utilizar pra pagar o transporte?

A: Justamente, isso.

I: Então pra gente encerrar aqui, eu só queria que a senhora me confirmasse todas as coisas que a senhora me falou, eu vou dar um breve resumo; então a senhora diria que as maiores dificuldades enquanto marisqueira, que a senhora já enfrentou são os problemas de saúde que a senhora adquiriu durante o seu ofício de marisqueira, a venda do produto porque vocês não tem compradores fixos e também quando encontram compradores, é, levar esse produto até esses compradores porque vocês não tem o transporte pra levar?

A: Isso, verdade, isso aí é tudo verdade.

I: E também a falta de equipamentos de segurança...

A: Que a gente também não tem.

I: Certo, vocês também não usam protetor solar, nem nada, correndo risco de adquirir alguma doença de pele também.

A: Isso.

I: Depois a senhora me falou, é porque também tudo depende da variação da maré, as vezes vocês vão quando a maré tá baixa de manhã cedo, mas as vezes a maré baixa já por volta do horário de meio-dia, certo?

A: É, as vezes a gente chega o quê? 14h, 15h da tarde, até 16h a gente já chegamos. Aí as vezes a gente vai de canoa nos local que tem bastante, a gente vai de canoa, as vezes chega 19h, 20h da noite.

I: E qual a importância das marisqueiras pra comunidade de Travosa e pra preservação desse espaço, preservação da comunidade, a preservação das marés, dos manguezais, qual a senhora acha que é a importância das marisqueiras pra Travosa de modo em geral?

A: Assim, como assim?

I: É... como a senhora vê a importância do seu ofício, tanto pra manutenção do povoado, por exemplo, ajudar a manter o povoado de pé, ajudar a preservar o meio-ambiente.

A: Ah entendi, entendi. É, mas é isso aí que eu que eu falo, a gente tem que ter renda de alguma coisa pra dentro do nosso lugar, porque se não o lugar nunca cresce, entendeu? Porque se a gente não tiver uma renda pra ajudar a população, claro que nós não temos nada, ninguém enxerga a gente, porque aqui como você sabe, aqui é uma beira de praia, então essa beira de praia aqui a gente vive desse sarnambi, os pescador é só de pescaria, nós não tem outro serviço, tendeu? Então é isso que eu tô falando.

I: Certo. Enquanto vocês estão fazendo a extração dos mariscos é comum encontrar lixo dentro dos manguezais ou não?

A: Não, até que aqui sobre isso aí a gente quase não vê, a gente não vê negocio de sujeira na maré, tendeu? A não ser esses porco que ficam na maré, negocio de lixo, essas coisas, a gente quase não vê não.

I: Então dona Aparecida, eu agradeço muito a sua contribuição, eu agradeço muito a disponibilidade que a senhora teve pra me ceder essa entrevista, tá certo?! Eu agradeço de coração. Eu espero que a senhora melhore da coluna, dos punhos e que a profissão de marisqueira passe a ser mais valorizada pra todos nós, porque a gente sabe da importância da sua profissão pra manutenção aqui da comunidade de Travosa, eu agradeço muito.

A: Tá bom, obrigado.

## APÊNDICE 4

JAQUELINE (24/05/2023)

I: IAN KAUÊ (entrevistador)

J: JAQUELINE (entrevistada)

I: Olá, poderia me dizer seu nome completo por gentileza?

J: Jaqueline da Conceição Santos.

I: Certo, Jaqueline, qual a sua idade?

J: 28 anos. I: E qual a sua profissão?

J: Marisqueira.

I: Certo e há quanto tempo você exerce a função de marisqueira?

J: 18 anos.

I: 18 anos, então você começou com 10 anos, certo?! Essa sua profissão você herdou de alguém, foi passado por alguém pra você?

J: Foi passado da minha avó pra minha mãe, da minha mãe pra mim. I: Certo, você tem outros parentes que trabalham com?

J: Minha família toda.

I: Toda a sua família trabalha com a tiragem de mariscos, certo?! Enquanto marisqueira aqui da comunidade de Travosa, qual é a maior dificuldade que você enxerga dentro da sua profissão?

J: Como?

I: A maior dificuldade que você vê dentro da sua profissão?

J: É, é toda, né, mas a maior, maior mesmo é pra vender o marisco, a venda do marisco é a maior.

I: Então esse é o maior problema que vocês enfrentam aqui, é vender o marisco que vocês fazem a tiragem, certo?

J: Huhum.

I: E como é feito todo esse processo até chegar a parte da venda do marisco, como é que é todo o processo?

J: A gente vai pra maré, a gente tira de lá, quando a gente chega, a gente, a gente chega já cansada e a gente vai cozinhar nas nossas casa e vamo tirar, a gente vai ensacar e botar e esperar o comprador.

I: Então vocês tem todo esse trabalho de trazer o marisco lá da maré até a casa de vocês, pra depois fazer todo esse processo, né?!

J: Isso! I: A sua casa fica perto de onde vocês tiram os mariscos?

J: Da minha mãe fica, mas a minha não fica.

I: Então tem todo esse trabalho. Você faz a tiragem na casa da sua mãe, quando você vai...?

J: É, a gente carrega todo sarnambi e deixa na casa da minha mãe e aí lá a gente vai tirar. A gente vai em casa, vai almoçar (risos), a gente fica por ali mesmo, tira e vamo pra casa.

I: Certo, é você já adquiriu alguma... algum tipo de doença, já ficou doente é... com a pratica da tiragem de mariscos?

J: Já, já fiquei.

I: O que aconteceu?

J: Essas aí é coisas íntimas.

I: Ah, tudo bem, eu entendo. Porque muitas falam que chegam a se sentar... as vezes tem o...

J: É por causa da lama que é muito quente, e a gente chega, a gente se senta lá mesmo, bota o popô lá no negocio (risos) e vamo trabalhar.

I: Certo. Vocês não utilizam nenhum de equipamento de segurança quando vão fazer... bota, luva?

J: Não, não. I: Ou até mesmo alguma coisa que vocês possam usar pra se sentar?

J: Não, a gente chegou mesmo, se sentou na lama mesmo, na lama, na areia.



I: Certo. Eu falei com uma senhora mais cedo, uma marisqueira, ela disse que já... por conta desse processo de abaixar, levantar, carregar os sacos, ela desenvolveu um problema na coluna, você já teve algum problema relacionado a isso?

J: Já, as vezes sim quando a gente carrega ele né, quando a gente vai, a gente várias caminhadas com balde grande pesado, que ele é pesado, o sarnambi, aí já, eu já passei... as vezes eu já passei... um dia eu passei 6 dias, uma semana foi, aí eu não fui, aí eu passei um tempão sem ir, depois disso eu passei um tempo.

I: Certo, é, vocês enfrentam diversos tipos de problemas, as vezes ficam doentes, as vezes ficam um tempo paradas sem conseguir ir trabalhar, vocês recebem algum tipo de auxílio por parte da prefeitura, do governo do estado, que auxiliem vocês, sem ser Bolsa Família ou esses tipos de benefícios sociais, mas algum benefício que seja relacionado pra vocês, pras marisqueiras?

J: Não, não tem, só mesmo o Bolsa Família mesmo.

I: Mas voltado pras marisqueiras não tem nada né?

J: Não, não tem esse tipo de auxílio não.

I: Ah, certo. É, você está associada a associação que foi inaugurada agora no dia 22 de maio?

J: Tô! (2x)

I: E quais são as suas expectativas pra associação, você enquanto marisqueira associada, qual são as suas expectativas, é, o que você acha que a associação pode melhorar pra profissão de vocês?

J: Eu acho que vai melhorar bastante, quando a gente tirar o produto né, que a gente botar lá, a gente vai ter mais, vai melhorar mais pra gente sobre a renda do marisco.

I: Pra vender, essas coisas todas, né?!

J: Isso.

I: Eu verifiquei também que a associação, ela fica mais próxima (J: isso, huhum.) de onde vocês fazem a tiragem do marisco, isso também vai facilitar o processo do transporte.

J: Vai, isso. Que ali já tá bem dizer, ali, do local ali do nosso, da nossa associação pra lá é rápido, justamente, só porque as vezes ali da direção não o sarnambi, tem mais um pouquinho pra baixo, mas só que vai... fica mais perto.

I: De qualquer forma fica mais perto do que levar pra residência da sua mãe, certo?

J: Certo.

I: Então você diria que as maiores dificuldades é a venda, a venda final, né, vocês não têm comprador fixo, certo?! E também a questão do transporte, é, por exemplo: quando vocês recebem uma encomenda, por exemplo, ou pra Santo Amaro, ou pra Primeira Cruz, que são os municípios que ficam próximos aqui da comunidade, é, quando vocês recebem uma encomenda por exemplo, de 200 quilos de sarnambi, vocês não têm o transporte próprio de vocês que leve esse sarnambi até lá, vocês têm que pagar?

J: A gente paga o frete da caixa, por causa assim, a gente, assim, nós, como a minha família, ela tira, ela toda as minhas irmã que mora dentro de Travosa são tiradeira de sarnambi, elas são marisqueira, então nós, uma (2x) ela é mais andada, né, aí ela, sempre as pessoas falam mais com ela, aí ela vai, chama a gente e a gente vai tira o sarnambi, a gente deixa na casa dela que tem o congelador, porque na casa da gente não tem o congelador, só tem o congelador da geladeira, né, e não cabe; então a gente bota na casa dela que tem o congelador grande; aí a gente coloca lá e ela quando dá o que, se o rapaz encomendar 200 quilos, aí é 200 quilos a gente tira em dois dias, 200 quilos de sarnambi, quando a gente acha pouco sarnambi... pouco marisco, né, mas quando tem muito, muito mesmo, um dia a gente tira 100 quilos, um dia.

I: Ah, depende, porque já me falaram que depende também do tempo, se tá chovendo.

J: Quando tá chovendo, ele morre, sempre ele morre no inverno.

I: Então diminui a quantidade, né?!

J: Isso.

I: Aí no período já de seca, que não está chovendo ele aparece em maior quantidade?

J: Ah, e ele não é todo tempo não, ele tem a época dele, tem uma... é porque eu não sei, mas acho que as outras sabem. Esse, tem uma época que ele some, que ele não dá, pra gente achar é difícil, aí passa de meses, aí pra gente voltar de novo tirar.

I: É, já me foi falado também que quando some daqui de onde vocês costumam tirar, vocês têm que procurar outra croa pra...

J: Isso, tem. E é bem longe, a gente vai de (3x)... a gente sai umas 4 horas porque depende da maré, depende da maré, as vezes a maré dá 4 horas da manhã e a gente vai, a gente foi muito

durante... foi ano passado, foi, esse ano nós ainda não, não fomos pras outras praias não porque aqui ainda tem, a gente ainda não foi.

I: Ah, certo. É, qual você acha que é a importância das marisqueiras pra comunidade de Travosa?

J: Eu acho que é bem importante porque aqui na Travosa é bastante marisqueira, eu acho que quase todo, quase todo mundo são marisqueira aqui deste lugarzinho aqui.

I: Você acha que vocês ajudam ali na preservação dos manguezais, também até na questão da economia aqui dentro da comunidade, então é tudo por conta das marisqueiras né, a grande parte?

J: Isso, a grande parte é das marisqueiras.

I: Certo, então Jaqueline eu agradeço o seu tempo, a sua entrevista, eu fico muito grato, muito obrigado e tenha uma boa semana.